

A LIAHONA

MAIO DE 1987



A LIAHONA

Maio 1987 Volume 40 nº 5
PBMA0573PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley,
Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter,
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L.
Tom Perry, David B. Haight, James E.
Faust, Neal A. Maxwell, Russell M.
Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell
Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H.
Groberg, James E. Paramore, Derek A.
Cuthbert

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados: David Mitchell, Jan
U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson,
Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Fazenda no vale das Montanhas
Drakensberg, África do Sul. Foto por
cortesia da Junta Sul-Africana de
Turismo. (Ver "Santos na África do
Sul", neste número.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO
DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do
D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas
em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre
assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de
Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço
da assinatura anual para o Brasil: **Cz\$ 120,00**; para
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa,
Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa.
Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples:
US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em
nossa agência: Cz\$ 10,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente
de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos
Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o
número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas
Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o
Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista
internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês,
holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês,
alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês,
português, samoano, espanhol, sueco e tonganês;
bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês e
trimestralmente em islandês. Composição: HOMA? T
Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha,
288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora
Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva,
241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo -
SP. Devido à orientação seguida por esta revista,
reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos
solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-
vindas as colaborações para apreciação da redação e da
equipe internacional do "International Magazine".
Colaborações espontâneas e matérias dos
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

2	MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: ENFRENTAI VOSSO GOLIAS	36	VOCÊS ESTÃO EM NOSSAS ORAÇÕES Kirsten Christensen
	Presidente Thomas S. Monson	38	UM EM 750 MILHÕES: UM JOVEM SUD NA ÍNDIA Betty Hale
7	MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: ECONOMIA DOMÉSTICA	41	A CRIANÇA, O RAPAZ, O HOMEM QUE POUCOS CONHECERAM Élder Bruce R. McConkie
8	JULIE JACOBS: SUA LUZ ESTÁ BRILHANDO NA HOLANDA Ruth Harris Swaner	45	A CRIATIVIDADE E O SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS Crawford Gates
10	ÉLDER BOYD K. PACKER: DISCÍPULO DO DIVINO MESTRE Don L. Searle		

SEÇÃO INFANTIL

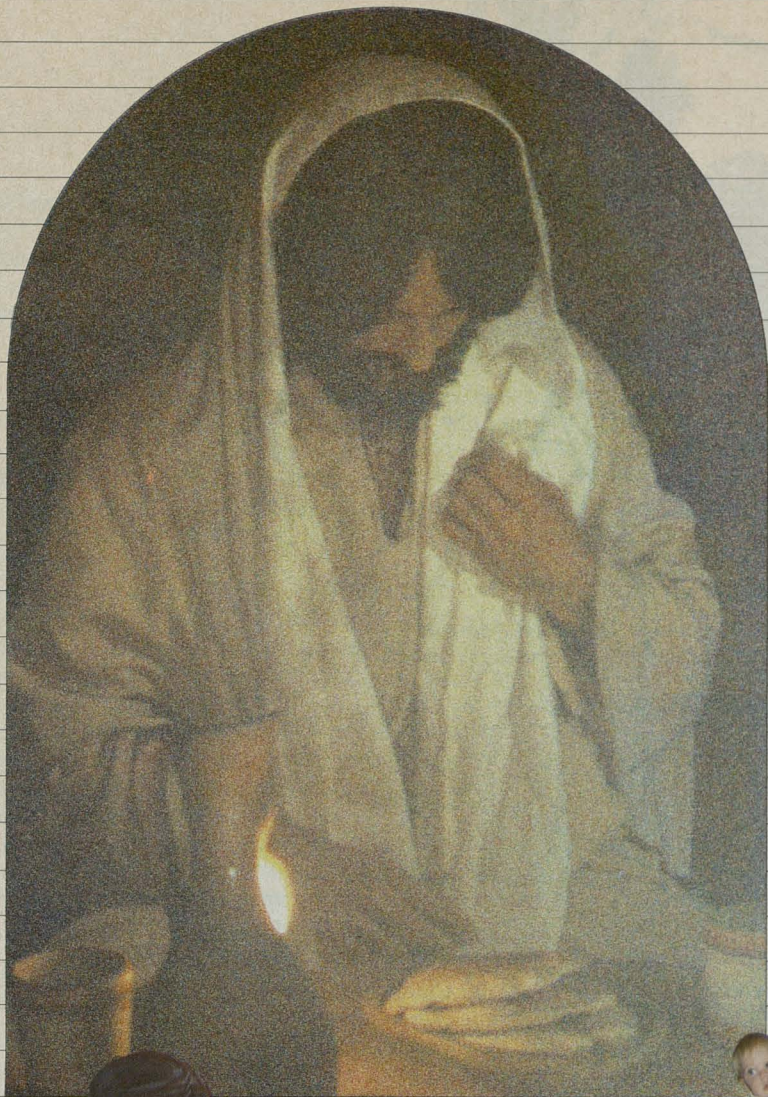
16	PERGUNTAS E RESPOSTAS: ABUSO DE CRIANÇAS Carlfred Broderick	2	ESTÊVÃO, O MÁRTIR 4 O SARAPE Greg Larson
19	OS SANTOS NA ÁFRICA DO SUL Marjorie E. Woods	7	ENCONTRE OS LIVROS 24 REFLEXÕES SOBRE AS ORAÇÕES SACRAMENTAIS John S. Tanner
24	7 ENCONTRE OS LIVROS 24 REFLEXÕES SOBRE AS ORAÇÕES SACRAMENTAIS John S. Tanner	7	LIGUE OS PONTOS: Presidente Ezra Taft Benson
29	ABBY RUTH Debra Huggins Baird	8	SÓ PARA DIVERTIR: COISAS ESCONDIDAS Mick Reasor

ESPECIALMENTE PARA

OS JOVENS

33	DE VOLTA AO REBANHO Élder Hartman Rector, Jr.
----	--







ENFRENTAI VOSSO GOLIAS

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro da Primeira Presidência

De todos os combates travados por muitos séculos na região do mundo conhecida como a Terra Santa, nenhuma batalha é mais lembrada do que aquela ocorrida no Vale do Carvalho (I Samuel 17:2), durante o ano de 1.063 A.C. De um lado, ao longo das montanhas, os temíveis exércitos dos filisteus se achavam reunidos e prontos a marchar diretamente para o centro de Judá e do Vale do Jordão. Do outro lado do vale, o Rei Saul havia reunido suas hostes para enfrentá-los.

Os historiadores nos ensinam que as duas forças eram praticamente equivalentes em número e habilidade. Entretanto, os filisteus haviam conseguido manter em segredo o valioso conhecimento que possuíam de como fabricar formidáveis armas de guerra feitas de ferro. O som dos malhos ferindo as bigornas e a visão da fumaça que para os céus se elevava, deve ter enchido de terror o coração dos guerreiros de Saul, pois até mesmo o mais inexperiente soldado podia reconhecer a superioridade das armas de ferro comparadas às de metal.

Como sempre acontecia quando exércitos se defrontavam, campeões individuais desafiavam os da facção oponente a medirem forças em combate. Havia um notável precedente para este tipo de luta, pois, mais de uma vez, principalmente durante a época em que Sansão era juiz, batalhas haviam sido decididas pelo combate individual.

Um Homem Gigantesco

Desta vez, contudo, a situação era diferente no que dizia respeito a Israel, e foi um filisteu que ousou desafiar todos os outros — um homem verdadeiramente gigantesco chamado Golias, de Gate. Os antigos relatos nos informam que Golias tinha três metros de altura. Ele usava uma armadura de metal e cota de malhas (versículo 5). A haste de sua lança era tão pesada, que o homem mais forte a custo conseguia erguê-la. Seu escudo era o maior de que se tinha notícia, e temível sua espada.

Este campeão do arraial dos filisteus (ver o versículo 4) adiantou-se e bradou às companhias de Israel: “Para que saíreis a ordenar a batalha? Não sou eu filisteu e vós servos do Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça a mim.” (I Samuel 17:8.)

O desafio por ele proposto era o de que, se fosse derrotado por um guerreiro de Israel, todos os filisteus se tornariam servos dos israelitas. Por outro lado, se vencesse, os israelitas seriam escravos dos filisteus. Golias rugiu: “Hoje desafio as companhias de Israel, dizendo: Dai-me um homem, para que ambos pelejemos.” (Vers. 10.)

Por quarenta dias ele bradou o mesmo desafio, respondido apenas com receio e tremor da parte dos homens de Israel, que “fugiam de diante dele, e temiam grandemente”. (Vers. 24.)

“Teu Servo Irá”

Houve alguém, entretanto, que não tremeu de medo nem correu assustado. Pelo contrário, levantou o ânimo dos soldados de Israel, lançando-lhes em rosto esta desafiadora pergunta: “Porventura não há razão para isso?... Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele: teu servo irá, e pelejará contra este filisteu” (vers. 29, 32). Davi, o menino, havia falado. Mas ao proferir estas palavras, ele não o fez apenas como um pequeno pastor, pois as mãos do Profeta Samuel haviam pousado sobre sua cabeça e por ele fora ungido; e o Espírito do Senhor descera sobre ele.

Saul disse a Davi: “Contra este filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu ainda és moço, e ele homem de guerra desde a sua mocidade” (vers. 33). Mas Davi insistiu; e, vestindo a armadura de Saul, preparou-se para enfrentar o gigante. Vendo que a armadura lhe impedia os movimentos, Davi dela se desfez e em seu lugar apanhou seu cajado de pastor, escolheu cinco seixos de um ribeiro próximo e os guardou em seu alforje e, tomando de sua funda, dirigiu-se ao filisteu (vers. 40).

Por certo nos lembramos bem da exclamação surpresa de Golias: “Sou eu algum cão para tu vires a mim com paus?... Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas do campo” (vers. 43-44).

Em Nome do Senhor

Então Davi respondeu: “Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado.

Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão... e toda a terra saberá que há Deus em Israel.

E saberá toda esta congregação que o Senhor salva, não com espada, nem com lança; porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará na nossa mão.

E sucedeu que, levantando-se o filisteu, e indo encontrar-se com Davi, apressou-se Davi, e correu ao combate, a encontrar-se com o filisteu.

E Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra e com a funda lhe atirou, e feriu o filisteu na testa, e a pedra se lhe cravou na testa, e caiu sobre o rosto em terra.

Assim Davi prevaleceu contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra, e feriu o filisteu, e o matou.” (Vers. 45-50.)

A batalha fora travada, e a vitória conseguida. Davi surgiu como um herói nacional, com um destino brilhante à sua frente.

Alguns de nós nos lembramos de Davi como um pastorzinho, divinamente comissionado pelo Senhor através do Profeta Samuel. Outros o conhecem como um poderoso guerreiro, pois nos mostram os registros os cânticos das mulheres após suas inúmeras batalhas vitoriosas: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares.” (I Samuel 18:7.) Ou talvez o consideremos como um poeta inspirado ou um dos maiores reis de Israel. Muitos lembram também que ele violou as leis de Deus e tomou para si Batseba, que a outro pertencia. Ele até mesmo planejou a morte de Urias, marido dela. (Ver II Samuel 11.) Gosto de pensar em Davi como sendo o rapaz justo que teve coragem e fé suficientes para enfrentar obstáculos intransponíveis, quando todos os outros hesitaram, e de redimir o nome de Israel, defrontando-se como aquele gigante de sua vida — Golias, de Gate.

Enfrentamos um Golias?

Bom seria se examinássemos cuidadosamente a nossa vida e aquilatássemos a coragem e fé que possuímos. Há um Golias em vossa vida? Existe algum na minha? É ele uma barreira entre vós e a felicidade que tanto Almejais? Vosso Golias talvez não porte uma espada ou nos insulte em público de modo que todos ouçam, forçando-vos a tomar uma decisão. Talvez não seja de três metros de altura, mas tenha uma aparência de igual magnitude, e o silente desafio por ele apresentado vos cause vergonha ou embaraço.

O Golias de alguém pode ser a irresistível tentação de um cigarro, ou talvez a imitigável sede pela bebida. Para outro, seu Golias pode ser uma língua desenfreada ou o egoísmo, que faz com que menospreze os pobres e afligidos. A inveja, usura, receio, indolência, dúvida, vício, orgulho, cobiça, egoísmo, desânimo — todos podem ser Golias em nossa vida.

O gigante que enfrentais não diminuirá de tamanho, poder ou vigor à custa de vossa vã esperança, anseio ou desejo de que assim aconteça. Pelo contrário, seu poder aumentará quanto mais apertar seu assédio.

A batalha por nossa alma não é menos importante que a travada por Davi. O inimigo não é menos temível, nem tampouco se acha mais distante o auxílio do Deus Todo-Poderoso. Qual será a nossa atitude? Como aconteceu com Davi na antiguidade, “nossa causa é justa”. Não fomos colocados aqui na terra para fracassarmos ou sermos vítimas das armadilhas da tentação, mas sim para sermos bem sucedidos. Nosso gigante, nosso Golias, precisa ser conquistado.

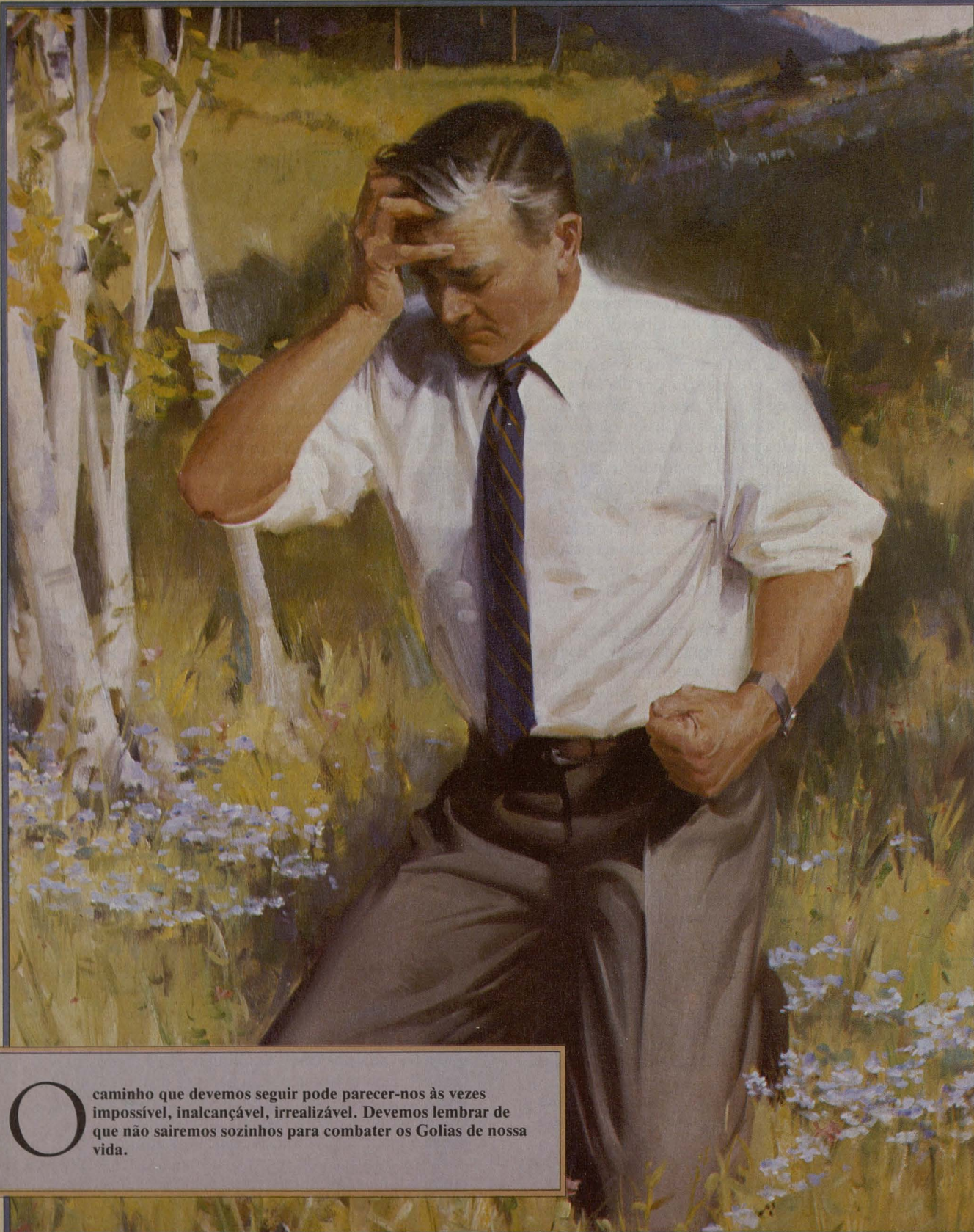


Ilustração de Robert Oliver Kamp

O caminho que devemos seguir pode parecer-nos às vezes impossível, inalcançável, irrealizável. Devemos lembrar de que não sairemos sozinhos para combater os Golias de nossa vida.

Escolhei Cinco Pedras Adequadas

Assim como Davi foi ao ribeiro e deliberadamente escolheu cinco pedras apropriadas, devemos nos dirigir à nossa fonte de poder — o Senhor. Que pedras polidas escolheréis para vencer o Golias que vos está roubando a felicidade, barrando-vos o acesso às oportunidades? Posso oferecer algumas sugestões.

Será essencial terdes A PEDRA DA CORAGEM para que alcanceis a vitória. Ao examinarmos os desafios da vida, tudo o que é fácil raramente é correto. De fato, o caminho que devemos seguir pode parecer-nos às vezes impossível, inalcançável, irrealizável.

Tal aparência teve o caminho para Lamã e Lemuel. Ao avaliarem a designação que receberam de ir à casa de Labão e obter os registros, conforme o mandamento de Deus, eles murmuraram, dizendo que se estava exigindo deles uma coisa difícil (ver 1 Néfi 3:5). Conseqüentemente, a falta de coragem lhes roubou uma grande oportunidade, que foi concedida ao destemido Néfi, que respondeu: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.) A pedra da coragem é imprescindível.

EM SEGUIDA, ESCOLHO A PEDRA DO ESFORÇO — esforço mental e esforço físico.

A decisão de vencer uma falta ou corrigir uma fraqueza é um passo decisivo no processo de alcançar esse objetivo. A expressão “lançar a foice com toda força” (ver D&C 4:4) não diz respeito apenas à obra missionária.

ENTÃO, ENTRE AS PEDRAS QUE ESCOLHERMOS, DEVE HAVER A DA HUMILDADE, pois não nos foi ensinado por meio de revelação divina que, quando somos humildes, o Senhor, nosso Deus, nos guiará pela mão e responderá às nossas orações? (Ver D&C 112:10.)

ENINGUÉM SAIRIA A COMBATER SEU GOLIAS SEM A PEDRA DA ORAÇÃO, lembrando-se de que reconhecer a existência de um poder mais elevado que ele próprio, de forma alguma é diminuir-se, mas exaltar-se.

FINALMENTE, ESCOLHAMOS TAMBÉM A PEDRA DO AMOR AO DEVER. O dever não é apenas realizar aquilo que é necessário, mas sim cumpri-lo quando devemos, quer apreciemos ou não.

A Funda da Fé

Armados com a escolha destas cinco pedras polidas como munição da poderosa funda que é a fé, agora precisamos apenas lançar mão do cajado da virtude

O dever não é apenas realizar aquilo que é necessário, mas sim cumpri-lo quando devemos, quer apreciemos ou não. Encontramos as nossas oportunidades mais significativas de crescimento nas épocas de maiores dificuldades.



Pintura de Jeffrey H. Craven

para nos firmar, e estaremos prontos para enfrentar o gigante Golias, seja quando ou onde quer que o encontremos.

A pedra da **CORAGEM** desvanecerá o Golias do medo. A pedra do **ESFORÇO** abaterá o Golias da indecisão e da procrastinação. E os Golias do orgulho, da inveja, e da falta de respeito próprio não resistirão ao poder das pedras da **HUMILDADE**, **ORAÇÃO** e **DEVER**.

Acima de tudo, devemos sempre lembrar-nos de que não saímos sozinhos para combater os Golias de nossa vida. Como declarou Davi a Israel, também podemos fazer ecoar esta inegável certeza: "Porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará [os Golias] na nossa mão." (1 Samuel 17:47.)

Mas o combate tem de ser travado. A vitória não é alcançada com negligência. O mesmo acontece às batalhas da vida. Jamais veremos os detalhes de nossa existência expostos diante de nós. Devemos esperar pelas divisões e curvas iminentes no caminho. Não podemos esperar chegar ao término da jornada que almejamos, se não tivermos a atenção voltada à meta desejada. Devemos tomar as nossas decisões eficientemente. Encontraremos as nossas oportunidades mais significativas de crescimento e progresso nas épocas de maiores dificuldades.

"Como um Cordeiro ao Matadouro"

Na cadeia de Carthage, a morte certa aguardava o Profeta Joseph Smith nas mãos de uma turba enfurecida; mas, movido pela força de sua grande fé, ele tranquilamente enfrentou o Golias da morte. "Vou como o cordeiro ao matadouro; mas me encontro calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa." (*A Igreja Restaurada*, p. 188.)

O Getsêmani, o Gólgota, e a intensa dor e sofrimento além da compreensão do homem mortal se achavam entre Jesus, o Mestre, e a vitória sobre a morte. Não obstante, ele afetuosamente nos assegurou: "Vou preparar-vos lugar... para que, onde eu estiver, estejais vós também." (João 14:2-3.)

Mas qual a importância destes relatos? Não houvesse a cadeia, não haveria Joseph. Não houvesse a turba, não haveria um mártir. Não houvesse a cruz, não haveria o Cristo!

Se existe um Golias em nossa vida, ou um gigante que tenha qualquer outro nome, não precisamos "fugir" nem "temer grandemente" (ver 1 Samuel 17:24) ao irmos combatê-lo. Pelo contrário, podemos ter plena confiança e receber auxílio divino daquele a respeito de quem Davi escreveu em seu inspirado salmo: "O Senhor é o meu pastor: nada me faltará... ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo." (Salmo 23:1, 4.)

A vitória será nossa. □



IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem de mestre familiar:

1. A história de Davi e sua vitória sobre Golias é a narrativa de um seguidor de Deus exercendo coragem e fé para vencer uma situação bastante difícil.
2. Muitas pessoas têm Golias em sua vida, que as impedem de ser felizes. Muitas vezes resumem-se em problemas com a Palavra de Sabedoria, a língua solta, a indolência, inveja, avareza, temor, preguiça, dúvida, vício, orgulho ou cobiça.
3. Podemos alcançar a vitória sobre nossos Golias pessoais, exercendo coragem, esforço, humildade, oração e fidelidade ao dever.
4. Ao combatermos nossos Golias, podemos obter do Senhor segurança e auxílio divino para nos ensinar.

Auxílios para o Debate

1. Fale do que sente a respeito de vencer os desafios e dificuldades pessoais.
2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar este assunto, depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem alguma mensagem para o chefe da família?

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

ECONOMIA DOMÉSTICA



Objetivo: Ressaltar que cada irmã, casada ou solteira, com ou sem filhos, é uma dona-de-casa.

Uma mulher, que tinha de se mudar freqüentemente em virtude do trabalho do marido, estava plantando mudas de flores no jardim. Sua vizinha, parando para olhar perguntou: — Por que está plantando essas flores, se não sabe se estará aqui, quando florescerem na próxima primavera?

— Talvez eu não esteja aqui — respondeu ela — mas alguém estará. Sempre procuro deixar minhas moradas, por mais temporárias que sejam, um pouco mais bonitas do que as encontrei.

Quer vivamos em um chalé, apartamento, cabana ou mansão, cada uma de nós — casadas ou solteiras, com ou sem filhos — é uma dona-de-casa. Nosso desafio é tornar nosso lar terreno como o lar celestial que recentemente deixamos, e ao qual pretendemos retornar.

O Presidente Spencer W. Kimball escreveu: “O céu é um

lugar, mas também uma condição; é lar e família; é compreensão e bondade; é interdependência e abnegação; é um viver calmo, sadio; sacrifício pessoal, hospitalidade genuína, preocupação sincera com o próximo. É viver os mandamentos de Deus.” (Cursos de Estudo da Sociedade de Socorro, 1984, Mensagem de Professora Visitante 12, p. 13.)

O Presidente Ezra Taft Benson afirmou que, “Uma das grandes coisas que o Senhor requer de nós é provermos um lar em que exista uma influência positiva”. (“As Grandes Coisas Requeridas de Seus Pais”, *A Liahona*, agosto de 1981, p. 55.)

Um lar é mais que argamassa, tijolos, madeira, barro ou palha. É um lugar em que um pedacinho do céu se acha em seu alicerce. Por esta razão, o salmista escreveu: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam.” (Salmo 127:1.)

Convidar o Senhor a ajudar-nos a construir lares assim é sempre

um desafio. Certamente poderíamos ampliar o conselho concernente à construção de um templo, contido na seção 88 de Doutrina e Convênios, e aplicá-lo ao nosso lar: “Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias; e estabeleci uma casa, mesmo uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus.” (Vers. 119.) □

IDÉIAS PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. O que poderia fazer, especificamente, para tornar seu lar terreno um pouco mais semelhante ao celestial?
2. Aplique o conselho de Doutrina e Convênios 88:119 a seus afazeres domésticos. Que precisa fazer, para que seu lar seja “uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus”?

JULIE JACOBS

Ruth Harris Swaner



SUA LUZ ESTÁ BRILHANDO NA HOLANDA

Um jovem caminhava certa vez pelas nevoentas ruas de Londres, levando uma lanterna que luzia fortemente. Um senhor idoso aproximou-se dele, dizendo: “Pagarei a você se me guiar até meu hotel.” O rapaz levantou sua lanterna e levou o homem ao lugar indicado. Ao chegarem, ele recebeu não um, mas três pagamentos, pois dois outros senhores estavam perdidos e também seguiram a luz através da neblina.

“A luz que irradiamos será vista pelas pessoas ao nosso redor, às vezes sem o sabermos”, afirma a Irmã Julie Jacobs, relatando uma de suas histórias favoritas da STER, revista da Igreja na Holanda.

“Eu me tornei um feliz membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, diz a Irmã Jacobs, com um bonito sorriso a emoldurar-lhe o rosto. Esta senhora de 72 anos de idade, moradora de Rijswijk, Holanda, sobrepujou a adversidade e tem servido ao Senhor desde que foi convertida há vinte e quatro anos.

Nascida em Semarang, Indonésia, em 1914, Julie foi um dos seis filhos da família. Seu pai morreu quando ela estava com oito anos, e sua mãe chinesa, que tinha sido deserdada pela família por haver-se casado com um holandês, viu-se impossibilitada de cuidar dos filhos. Julie viveu com uma família adotiva por muitos anos, até que a sua foi de novo reunida.

Julie terminou os estudos, formando-se em educação, e trabalhou como secretária até encontrar Rudolf Jacobs, com quem se casou, em 1938. Quando iniciou a II Guerra Mundial, Rudolf, piloto experiente, foi chamado ao combate e logo se tornou prisioneiro de guerra dos japoneses.

A Irmã Julie então, grávida de gêmeos, foi deixada para cuidar de seu filho menor. Nos três anos seguintes, para sustentar a família, ela vendeu trabalhos de tricô e outros artesanatos, vendendo tudo o que podia para obter alimento.

Rudolf voltou do campo de concentração muito magro e enfermo, e a família decidiu mudar-se para a Holanda, onde ele podia obter cuidados médicos adequados. Assim, em 1947, Julie partiu da Indonésia, nunca imaginando que jamais voltaria à sua terra natal.

Seis anos depois, Rudolf Jacobs morreu em um acidente de avião, e Julie teve que novamente cuidar do sustento da família — quatro filhos que iam de cinco a quatorze anos de idade. Ela começou a trabalhar ensinando datilografia e estenografia. Em julho de 1960, Julie sofreu outro golpe, quando seu filho mais velho foi morto em um acidente de automóvel.

Arrasada com aquela perda — “Foi como se uma parte de meu corpo fosse arrancada” — Julie ficou com a fé abalada.

“Eu não podia entender por que tinha de sofrer

aquilo”, disse ela. “Todos os dias, pela manhã e à noite, esforçava-me para dobrar os joelhos em oração, como sempre fazia, mas já não tinha vontade de orar.”

Embora ela não freqüentasse nenhuma igreja, tinha uma profunda crença em Deus, que a impelia. “Dentro de algum tempo, ouvi uma voz dentro de mim, que parecia repetir: ‘E Deus ainda é amor.’”

Ela começou de novo a orar. “Agradecida a meu Pai Celestial, procurei uma igreja onde eu pudesse servi-lo.” Em uma noite chuvosa de 1962, dois missionários SUD bateram à porta dos Jacobs.

Pouco tempo depois, um dos filhos de Julie foi batizado, e em seguida, sua irmã e a mãe. Mas Julie ainda não estava convencida. Na noite anterior ao batismo de sua filha, um missionário a desafiou a orar, procurando obter um testemunho do evangelho.

“Eu nada prometi a ele”, lembra-se Julie.

“Naquela noite, ao proferir minhas orações, não mencionei a Igreja, mas horas depois, quando já estava dormindo, levantei-me com a urgente necessidade de perguntar ao Pai Celeste se esta era realmente a igreja verdadeira onde eu poderia servi-lo.

Eu jamais havia orado tão sincera e prolongadamente, e nunca tinha sentido o amor e poder de Deus como senti naquela noite. Ao terminar minha oração, vi pelas cortinas de meu quarto o sol brilhando. Ao olhar para fora nos primeiros momentos da manhã, senti invadir minha alma uma felicidade e paz que nunca conhecera desde a morte de meu filho”, relembra ela, com o semblante refletindo o brilho daquela manhã de vinte e quatro anos atrás. Naquele mesmo dia, ela foi batizada, juntamente com sua filha.

Nos vinte e um anos seguintes, a Irmã Jacobs serviu na Sociedade de Socorro. Por cinco anos, presidiu aquela organização da Estaca The Hague Holanda. “Nem sempre foi fácil, mas durante aqueles anos, aprendi a ajoelhar-me freqüentemente em oração, para receber o auxílio e inspiração de que precisava.”

Três vezes por ano é organizada uma semana especial para os membros da Holanda no Templo de Londres. “Geralmente partimos à noite, dirigindo por muitas horas”, explica a Irmã Jacobs. “Depois pegamos o barco noturno para a Inglaterra e, lá chegando, dirigimos por mais três horas. Freqüentamos o templo todos os dias, chegando antes das 6 da manhã e permanecendo até as 6 da tarde. Chego cansada na Holanda, mas feliz por ter podido trabalhar na casa do Senhor.”

“A vida não é um mar de rosas”, admite a Irmã Jacobs. “Mas nosso galardão final será o de que, ao partirmos deste mundo, Deus nos acolherá ternamente em seus braços. Essa expectativa me dá coragem de aceitar as coisas que acontecem em minha vida.” □

Don L. Searle

Nascido a 10 de setembro de 1924, em Brigham City, Utah, Boyd Kenneth Packer foi o quinto filho e a décima criança da família. Aos doze anos de idade, sua família se mudou para um apartamento no prédio da Packer Automobile Company. Seu pai, um hábil e industrioso mecânico, trabalhou por muitos anos à frente de sua firma de conserto de automóveis, e mais tarde na companhia de motores.

ÉLDER BOYD

Discípulo do Divi

“Houve ocasiões em minha adolescência, que pensei que fôssemos pobres”, escreveu o Élder Packer, em uma curta biografia. “Aprendi depois que não era assim. Nós simplesmente não tínhamos dinheiro. Sempre fomos ricos nas coisas mais significativas de nossas vidas.”

Uma das maravilhas que o menino Boyd Packer mais apreciava eram as belezas da natureza. Ele tinha especial predileção por pássaros, uma afeição que até hoje se manifesta em sua vida. Do outro lado da porta da frente da família Packer, existe um cercado contendo pássaros vivos, desde pavões e faisões dourados e pombos. Na parede, no interior da casa do Élder Packer, podem ser vistos trabalhos de entalhe retratando pássaros cuidadosamente detalhados, pintados com cores naturais. As obras de arte não somente expressam a sua sensibilidade para com essas criaturas, mas também reverência pelo talento artístico do Criador.

O Élder Packer levou cerca de um ano para produzir cada obra de entalhe, usando para isso todos os seus momentos disponíveis. Ele gosta também de pintar e esculpir, mas tinha pouco tempo para tais atividades até há alguns anos, pois sempre deu maior prioridade ao trabalho de ser pai. Pelo que podemos ver, desde a sua juventude ele nunca perdeu de vista as suas metas eternas.

Da Juventude à Maturidade

Boyd Packer alcançou a maturidade perto da época em que eclodiu a II Guerra Mundial. Após terminar o

O Élder Boyd K. Packer é membro do Quorum dos Doze desde 1970.



BOYD K. PACKER

Divino Mestre

curso secundário, ele trabalhou por algum tempo na construção de um hospital militar, na cidade onde nasceu.

Como muitos outros homens SUD da sua geração, ele não pôde cumprir uma missão de tempo integral por causa da guerra. Na primavera de 1943, alistou-se na Força Aérea, formando-se como piloto no ano seguinte, poucos dias antes de seu vigésimo aniversário. Ele foi enviado ao Pacífico Sul, e esteve servindo no Japão até cerca de um ano depois de terminada a guerra.

Enquanto se achava no serviço militar, encontrou bastante tempo para estudar as escrituras. Leu o Livro de Mórmon diversas vezes, e hoje afirma que esta obra foi “a mais poderosa influência em sua vida”. Influenciado pelo espírito do livro, também encontrou motivação para pregar o evangelho da paz aos japoneses. Dentre os que aprenderam o evangelho com aquele soldado, estavam Tatsui Sato e sua esposa Chio. Quando chegou a época de serem batizados, Boyd Packer teve o privilégio de realizar a ordenança pela Irmã Sato. C. Elliot Richards, que agora é médico em Lago Salgado, batizou o Irmão Sato. Tempos depois, o trabalho de tradução feito pelo Irmão Sato possibilitou a muitos japoneses desfru-



Como muitos jovens SUD de sua geração, Boyd K. Packer serviu na II Guerra Mundial. Foi enviado ao Pacífico, e permaneceu cerca de um ano no Japão após a guerra.

Élder Packer atribui a Donna, sua mulher, o mérito de grande parte do seu sucesso, em virtude de suas boas qualidades como companheira.

tarem das escrituras e das cerimônias do templo em seu próprio idioma.

Uma Companheira Eterna

Boyd Packer voltou para casa em 1946, e matriculou-se no Weber College (agora Estadual), em Ogden. Foi lá que conheceu Donna Edith Smith, também de Brigham City. Eles se casaram em 27 de julho de 1947, no Templo de Logan.

Eles se tornaram pais de dez filhos: Allan, Kenneth, David, Laurel, Russell, Spencer, Gayle, Kathleen, Lawrence, e Eldon.

O Irmão Packer pretendia ser um professor, e procurou realizar esse sonho. Formou-se no Weber Junior College em 1948 e obteve o bacharelado pela

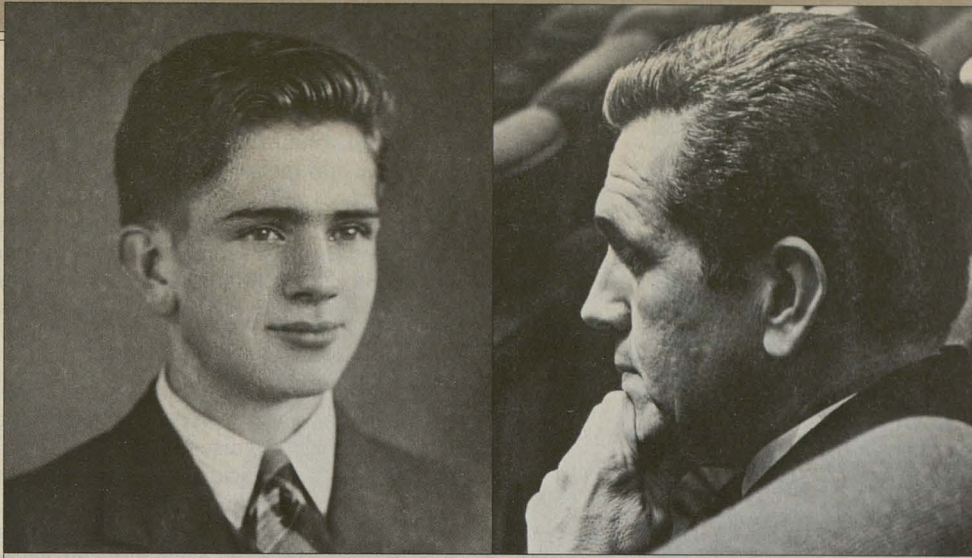


Em seus poucos momentos de lazer, o Élder Packer leva quase um ano para produzir um de seus delicados pássaros entalhados.





Boyd e Donna Packer posam para um retrato familiar tirado na década de 50, com os primeiros três de seus dez filhos: Kenneth, à esquerda; Allan, o mais velho; e David.



Boyd K. Packer (aos dezesseis anos) cresceu na Cidade de Brigham, Utah, a alguns quilômetros da Cidade do Lago Salgado. (À direita) Élder Packer no dia da Conferência Geral em que foi apoiado para o Quorum dos Doze.

Universidade Estadual de Utah, em Logan, em 1949. Mais tarde, fez o mestrado na Universidade Estadual de Utah, em 1953, e o doutorado em educação pela Universidade Brigham Young, em 1962.

Foram anos de muito trabalho. Além de ocupar chamados eclesiásticos locais — como os de professor, secretário-assistente da estaca, e membro do sumo conselho — ele começou a dar aulas no seminário, em 1949. Um velho hospital do exército em Brigham City, que ele havia ajudado a construir, foi transformado pelo governo federal em escola para estudantes indígenas, e de 1949 a 1955, serviu como Coordenador de Assuntos Indígenas nessa mesma escola para o Sistema Educacional da Igreja. Durante esse mesmo período, foi vereador por quatro anos, em Brigham City.

Uma Responsabilidade Maior

Em 1955, Boyd Packer foi designado como administrador-assistente dos seminários e institutos no Sistema Educacional da Igreja, onde serviu até outubro de 1961, quando foi chamado para ser Assistente dos Doze.

Com a família crescendo, o aumento de responsabilidades e o contínuo programa de educação, os primeiros anos de casamento foram muito cheios de atividades. Como ele foi capaz de tamanhas realizações?

“Posso explicar tudo em apenas duas palavras: minha esposa”, disse o Élder Packer. “Ela é perfeita.”

Ela sorri ao ouvir essa descrição e explica, “Ele diz isso para que eu procure melhorar”.

É óbvio, entretanto, que Donna Packer é uma mulher realizada — hábil dona-de-casa, talentosa líder

da Igreja, e ótima pesquisadora genealógica. Sendo uma mulher dinâmica, ela se acha atualmente escrevendo um livro sobre a genealogia da família Packer.

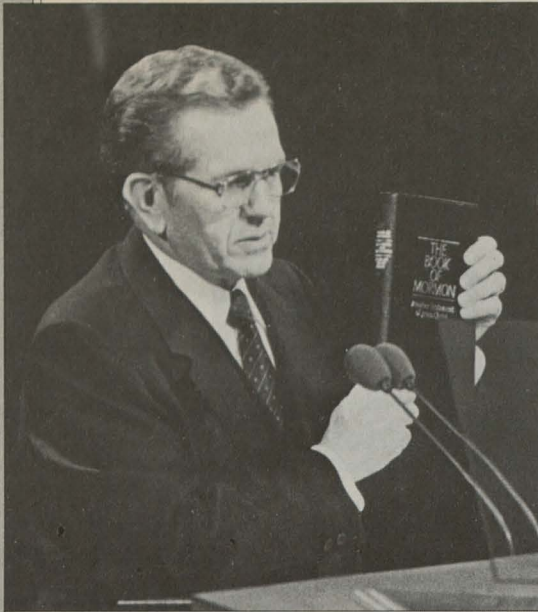
“Ela é uma grande e poderosa influência motivadora”, comenta o Élder Packer.

Atender às Necessidades de Seus Filhos

No que concerne à família, o Élder e Irmã Packer parecem ter uma só opinião e mente. O Élder Packer afirma que adquiriram esta característica ao se desenvolverem juntos durante o casamento. Sua esposa observa também que em tudo concordam, porque se esforçaram para fazer planos em conjunto, com a devida antecedência, a fim de atender às necessidades de seus filhos e ajudá-los a desenvolverem seus talentos, proporcionando oportunidades educacionais apropriadas a cada um deles.

Com exceção de apenas dois, todos os filhos casados dos Packer — e trinta de seus trinta e sete netos — moram ao alcance de uma hora de carro. Os filhos visitam os pais freqüentemente. (A pedido do Élder e Irmã Packer, seus filhos casados também procuram participar freqüentemente de atividades com as famílias de seus cônjuges. Irmã Packer assume a responsabilidade de programar uma reunião anual de toda a família no verão, e dá a cada um deles a incumbência de descobrir a ocupação ou atividades de um ou outro dos ancestrais da família.

Enquanto os filhos estavam crescendo, a vida familiar deles, de muitas maneiras, girava ao redor da mãe. Ela precisava motivá-los e também fazer o papel de pai, quando o marido estava ausente a serviço da Igreja. Mas eles sempre souberam que era nela — e



O Livro de Mórmon tem exercido uma profunda influência na vida do Élder Packer.

neles que o Élder Packer encontrava apoio.

“Sempre procurei — sinceramente tentei — ao ficar com os filhos em casa, estar com eles”, afirma o Élder Packer. Isto significava dedicar diariamente algum tempo para cada um deles sempre que possível.

Allan Packer diz que seu pai aproveitava todas as oportunidades para ensinar. Os filhos do Élder Packer ainda o procuram, em busca de conselho.

Prioridade Número Um

“Ele é nosso patriarca”, comenta Allan. “Ele ainda é um pai, e essa é sua prioridade número um.”

Laurel Packer Dillman afirma que seu pai sempre pareceu muito sensível aos influxos do Espírito. Diz ela, de quando estudava na BYU: “Lembro-me de que ele sempre me ligava nos dias em que eu tinha as provas mais difíceis.” E uma palavra de conselho e estímulo sempre a ajudava a superar aquelas ocasiões.

Kenneth reflete: “Procuro viver minha vida e dirigir os assuntos da família e criar meus filhos de maneira que papai não se preocupe se estou vivendo o evangelho.”

Alguns anos atrás, o Élder Packer falou publicamente a seus filhos e netos, numa conferência geral, a respeito do legado que gostaria de lhes deixar, expressando a esperança de que esse discurso também pudesse “ajudar mais alguém”.

“Queremos que nossos filhos e os filhos deles saibam que a escolha vital não é entre a fama e a obscuridade,

nem entre riqueza e pobreza — mas entre o bem e o mal...

Quando, finalmente, entendemos essa lição, nossa felicidade não mais dependerá de coisas materiais. Somos felizes sem elas ou a despeito delas...

Encaminhamo-nos para um futuro incerto, mas não estamos inseguros. Filhos, prestem testemunho, edifiquem Sião. Então terão genuíno sucesso, completa felicidade.” (“A Escolha”, *A Liahona*, março de 1981, pp. 29-30.)

Os discursos do Élder Packer abrangem uma vasta área de assuntos. Allan comenta que seu pai prepara muito bem os seus “deveres”, consultando especialistas e temperando o seu discernimento espiritual com o conhecimento adquirido. “Ele passa dezenas de horas preparando os seus discursos.”

Mas há outras contribuições do Élder Packer que os membros da Igreja em geral não conseguem perceber.

Um Grande Professor

“O Élder Packer é um grande professor”, diz o Élder James E. Faust, do Conselho dos Doze.

“Embora todos os Doze sejam professores, ele é o professor dos Doze.” Como um membro sênior do Quorum, ele fornece instrução e aborda decisões com profundo discernimento sobre o possível efeito que elas terão sobre a Igreja e seu povo, explica o Élder Faust.

Ele acrescenta que o amor que o Élder Packer tem pelas escrituras e a sua maneira de utilizá-las em sua posição de liderança, tem influenciado a direção de toda a Igreja.

Freqüentemente, afirma o Élder Russell M. Nelson, do Conselho do Doze, quando o Quorum está avaliando um problema, o Élder Packer busca em seu conhecimento ensinamentos relevantes do Livro de Mórmon e os aplica ao debate.

O Livro de Mórmon tem exercido uma profunda influência na vida do Élder Packer. “Sem o Livro de Mórmon, o Élder Packer não poderia ser o profeta que é”, comenta o Élder Nelson. “Ele é um vidente privilegiado.”

Seu ensino das escrituras é caracterizado por uma profunda compreensão”, acrescenta ele.

Alguns temas são freqüentemente ouvidos em suas instruções — a importância de ouvir a voz do Espírito, o plano de vida e salvação, a obra missionária, o apoio aos líderes escolhidos pelo Senhor, e a obediência como a chave para alcançar a felicidade. Porém, há um tema de extraordinária constância: o firme testemunho de seu chamado, o seu privilégio de servir.

Em seu discurso proferido na conferência geral de abril de 1977, intitulado “O Mediador”, ele examinou o papel preponderante de Cristo na redenção da humanidade, e acrescentou:

“Sempre tive o grande desejo de prestar testemunho a respeito do Senhor Jesus Cristo, e de dizer a vocês, nos termos mais simples que pudesse encontrar, o que

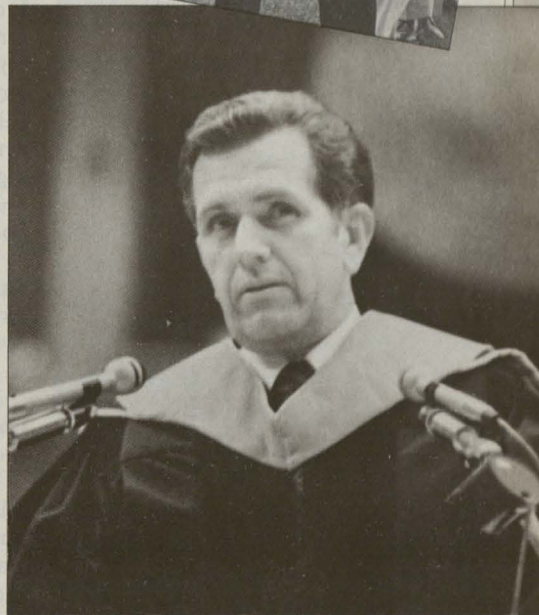
Após o rompimento da Represa Teton em Idaho em 1976, Élder Packer, à esquerda, visitou a área devastada com o Presidente Spencer W. Kimball (de chapéu).



ele fez e representa para nós.

Embora eu saiba o quanto as palavras podem ser inadequadas, sei também que tais sentimentos freqüentemente emanam do Espírito, mesmo sem que seja proferida uma só palavra.

Muitas vezes tenho lutado sob o jugo das imperfeições. Não obstante, por saber que ele vive, sinto uma alegria suprema invadir minha alma.” (“O Mediador”, *A Liahona*, outubro de 1977, p. 56.) □

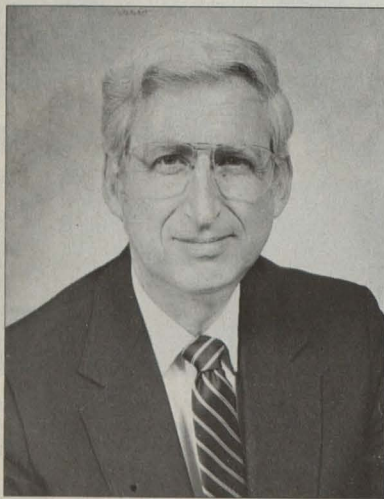


Renomado educador, o Élder Packer tem falado muitas vezes nas cerimônias de formatura universitária e em outras atividades acadêmicas. Aqui ele está falando na Universidade Estadual de Utah, em 1973.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Sabemos que fomos enviados a este mundo para crescer e progredir e nos tornarmos como o nosso Pai Celestial. Mas, o que podemos dizer das crianças afligidas e maltratadas? Podem elas esperar vencer os problemas causados pelo ambiente em que foram criadas?



Calfred Broderick, professor de sociologia, Universidade da Califórnia do Sul.

Sendo filhos de Deus, foi-nos concedido o grande dom do livre-arbítrio. Podemos escolher ajudar ou ferir. Infelizmente, como o Senhor explicou a Moisés, as iniquidades de uma geração freqüentemente recaem sobre as cabeças das gerações subseqüentes. (Ver Êxodo 20:5.) É fácil observar a veracidade desse ditado, analisando as inúmeras famílias existentes no mundo hoje em dia. É comum vermos famílias atribuladas transmitirem seu infortúnio e ignorância — virtualmente intactos — a seus filhos e netos. A vítima de uma geração se torna a afligidora da seguinte.

Por outro lado, o Senhor disse ao Profeta Ezequiel:

“Que tendes vós, vós que dizeis esta parábola acerca da terra de Israel, dizendo: os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram?

Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que nunca mais direis este provérbio em Israel.

Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá.” (Ezequiel 18:2-4.)

Esta escritura sugere que os filhos não precisam simplesmente repetir os pecados de seus pais, mas que cada geração é responsável por suas próprias escolhas.

De fato, minha experiência e vários chamados na Igreja, e minha profissão de conselheiro

familiar têm-me convencido de que Deus intervém ativamente em algumas linhagens destrutivas, designando um espírito valente para romper a cadeia de destruição de tais famílias. Embora estas crianças venham a sofrer inocentemente como vítimas da violência, descaso e exploração, pela graça de Deus algumas encontram a energia necessária para se “purificarem” do veneno nelas existente, recusando-se a transmiti-lo às gerações futuras. Em seu passado, houve gerações de desoladora angústia; no futuro, a linhagem segue clara e pura. Seus filhos e os filhos de seus filhos os chamarão abençoados.

Ao sofrerem inocentemente para que outros não precisassem padecer, tais pessoas, em certa medida, se tornam “salvadoras em Monte Sião”, ao ajudarem a proporcionar a salvação a uma estirpe.

Tive o privilégio de conhecer muitos de tais indivíduos — pessoas cujo ambiente em que viveram era cheio de incrível dor e humilhação. Lembro-me especialmente de uma jovem que foi repetidamente molestada sexualmente por seu pai. Quando, finalmente, ela criou a coragem de contar à sua mãe, esta a espancou furiosamente e a rejeitou.

Tais experiências a tornaram amargurada e insegura. Contudo, apesar de semelhantes obstáculos, ela fez as pazes com Deus e encontrou um marido digno de confiança, com o qual está

criando uma família decente. Além do mais, ela tem dedicado todas as suas energias em ajudar outras mulheres que atravessaram circunstâncias semelhantes a eliminarem o veneno de suas próprias linhagens.

Lembro-me também de um rapaz, cuja mãe morreu quando ele tinha doze anos de idade. O pai reagiu àquela perda, mantendo o filho trancado no quarto, embriagando-se e trazendo para casa mulheres de baixa reputação. Quando deixava o filho sair, batia nele até fazê-lo perder os sentidos, às vezes quebrando-lhe ossos e provocando contusões.

Como era de se esperar, o rapaz cresceu cheio de conflitos, ódio de si próprio e ressentimento. Porém, o Senhor não o abandonou assim, mas proporcionou-lhe amigos e oportunidades de crescimento. Atualmente, após uma série de milagres espiritualmente recuperadores, este jovem está-se preparando para casar-se no templo com uma jovem digna. Juntos, comprometeram-se a criar filhos em retidão, ternura e amor.

Na antigüidade, o Senhor enviou um dilúvio para destruir gerações perversas. Nesta geração, tenho a convicção de que ele tem enviado numerosas pessoas escolhidas, a fim de purificá-la.

Na época de Jeremias, o Senhor se valeu de uma linguagem semelhante à que mais tarde usaria, ao dirigir-se a Ezequiel:

“Naqueles dias nunca mais dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se

embotaram.

Mas cada um morrerá pela sua iniquidade: de todo o homem que comer as uvas verdes, os dentes se embotarão.” (Jeremias 31:29-30.)

Então ele prosseguiu, dizendo o seguinte a respeito desta nova geração do convênio: “Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.” (Jeremias 31:33.)

A maioria de nós, creio eu, está familiarizada com um ou mais destes espíritos valentes e lutadores. Nos últimos estágios de seu progresso, eles são facilmente reconhecidos e apreciados. Mas às vezes, nas etapas iniciais, tanto padecem a agonia de seus terríveis ferimentos, que é preciso possuir um elevado grau de sensibilidade espiritual para discernirmos o espírito de pureza que se acha por trás de tanta amargura e sofrimento. Temos o dever e privilégio de fazer amizade com tais pessoas, e proporcionar-lhes toda a assistência necessária, para que possam alcançar seu nobre destino.

Outros de nós podemos ser, nós mesmos, os sofredores mensageiros da luz. Sejamos verdadeiros ao comissionamento divino que recebemos, renunciando à amargura e seguindo os passos do Salvador. □

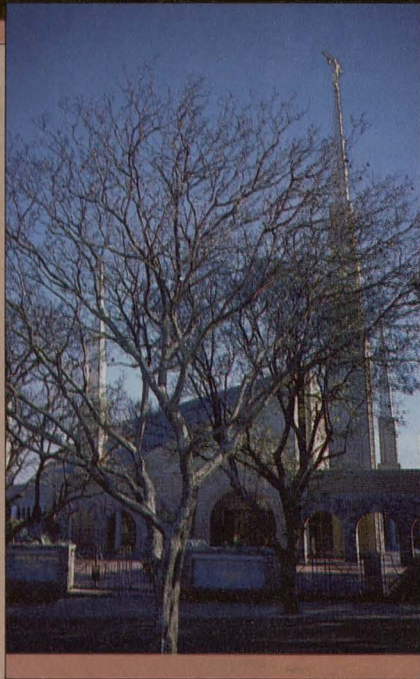
*Famílias atribuladas
geralmente
transmitem seu
infortúnio e
ignorância a seus
filhos e netos.
Porém, cada geração
é responsável pelas
suas próprias
escolhas.*



Foto por cortesia da Junta Sul-Africana de Turismo



Membros da Estaca Sandton, África do Sul, assistem a uma conferência.



Templo de Johannesburg, África do Sul, dedicado em agosto de 1985.

Vista panorâmica da Cidade do Cabo.

Malcolm e Pauline Bassett e seus filhos, membros da Ala Cidade do Cabo 1.

Sylvia J. Milne, bibliotecária, numa leitura de microfílm da biblioteca genealógica do ramo de Johannesburg, organizado em 1976. A Irmã Milne deu início ao Programa de Extração de Nomes na África do Sul. Ela é agora supervisora dos serviços de escritório no Templo de Johannesburg, África do Sul.



Membros da Igreja em Pretória, da esquerda para a direita: Una Verabuthroo, Paravathy Hira, e Bobby Hira.



OS SANTOS NA

ÁFRICA DO SUL



Em 1984, Sipho Moses Khomo começou uma missão de tempo integral em Londres, Inglaterra. É claro que não é incomum um jovem santo dos últimos dias servir uma missão. Mas o Élder Khomo foi o primeiro missionário a ser chamado dentre seu povo, os zulus da África do Sul.

Agora, terminada a missão, ele retornou a kwaZulu, território estabelecido pelo governo da África do Sul para cerca de 500.000 zulus, onde existe uma crescente população de membros da Igreja. A frequência semanal de um ramo de kwaMashu, um grande departamento de kwaZulu, é “de centenas de pessoas”, de acordo com o relato do Presidente Chappie Winstanley, da Estaca de Durban, África do Sul. Ele afirma que os missionários que trabalham entre os zulus verificam que muitos estão procurando obter o conhecimento de Deus.

Malcolm Bowes-Taylor, líder da obra missionária da Ala de Durban 1, Estaca Durban, relembra a sua missão entre os zulus, cujo idioma ele fala. “A maior parte de nossos ensinamentos eram ministrados em humildes casebres, iluminados pela luz de uma lamparina. O evangelho é rapidamente aceito por este povo doutrinável, que possui uma fé simples, mas poderosa.”

O aumento do número de santos zulus reflete o crescimento geral da Igreja, em anos recentes, na África do Sul. Atualmente lá existem 12.000 membros, organizados em quatro estacas e duas missões; geograficamente eles se acham espalhados por uma área que abrange cerca de 2.400 quilômetros de leste a oeste (de Durban, África do Sul a Windhoek, Namíbia) e 2.600 quilômetros de norte a sul, de Hararo, Zimbábwe, à Cidade do Cabo, África do Sul).

Marjorie E. Woods



“Defensores da Fé”

Estando espalhados entre milhões de compatriotas sul-africanos, o número comparativamente pequeno de santos aprecia o evangelho, motivando-os a ser “defensores da fé”, observa Johann P. Brummer, presidente da Estaca Sandton. “Minha impressão geral da Igreja na África do Sul hoje em dia, é de que ela está mudando a vida dos membros, a maioria dos quais são conversos.”

Mas, além dos novos membros que estão entrando para a Igreja, a África do Sul conta com muitas famílias de santos da segunda e terceira geração.

Frank Fourie, primeiro conselheiro da presidência da Estaca Cidade do Cabo, África do Sul, pertence a uma dessas numerosas famílias que são membros há mais de cinquenta anos. Lembrando a conversão de Johanna, sua mãe falecida, ele afirma: “Mamãe tinha diversas dúvidas sobre o evangelho que nosso ministro era incapaz de explicar. Ela o preveniu: “Se eu encontrar uma igreja que tenha as respostas, filio-me a ela!”

Em 1934, os missionários santos dos últimos dias bateram à nossa porta e os convidamos a entrar, e eles responderam a todas as questões. Mamãe e todos os seus filhos foram batizados no Old Hall, em Mowbray, hoje demolido. Olhando para um quadro do Templo de Lago Salgado pendurado na parede, ela prometeu que um dia iria lá. Essa promessa foi feita na época da Depressão (1929 N.do T.); por isso, seu sonho parecia irrealizável, mas ele concretizou-se anos depois.”

Johanna serviu por muitos anos como presidente da Primária. “Tenho uma cópia do *Cumorah’s Southern Messenger* (antiga publicação da Igreja), descrevendo sua festa de oitenta anos, quando ainda servia neste chamado”, diz o Presidente Fourie.

Uma Mistura de Raças

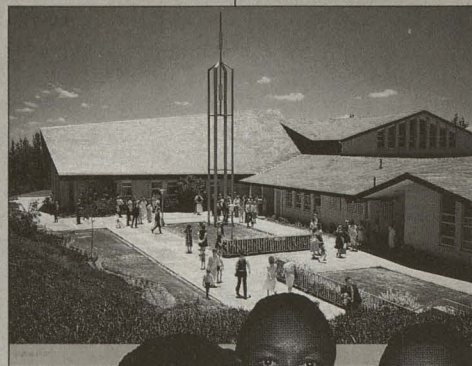
Outra família fiel é a de Edwina Swartzberg, primeira conselheira da Sociedade de Socorro da Estaca Sandton África do Sul, que é da terceira geração de santos. As explicações que deu a respeito dos templos a Isaac, seu futuro marido, criado em um lar de judeus ortodoxos, ajudou a convertê-lo. Ele estava



Membros da família de Barbara e Bill Wrench celebram um aniversário; Terras agrícolas no vale da cadeia de Drakensberg, perto da costa sudeste da África do Sul; Sede da Estaca Sandton, África do Sul; Família de Elias Vis, membros da Igreja em Bloemfontein.



CORTESIA DA CÂMARA SUL-AFRICANA DE TURISMO



intrigado e queria saber por que o Senhor que, escriturísticamente, sempre falou a seu povo nos templos, não mais tinha um deles aqui na terra. Ele reconheceu, também, profecias concernentes a Cristo no Velho Testamento, especialmente a contida no Salmo 22, e as coisas para ele se encaixavam no seu devido lugar. Os Swartzberg mais tarde foram selados no Templo de Lago Salgado. Eles vivem em Pretória, onde o Irmão Swartzberg é consultor legal da Igreja e diretor de área de comunicações públicas.

Os Swartzberg refletem apenas duas das muitas tradições étnicas que a África do Sul pode afirmar ter. Os brancos abrangem apenas vinte por cento da população; os negros, sendo membros de muitas raças étnicas, chegam a 70 por cento. Existem também grandes grupos chamados “pessoas de cor” — pertencentes a uma linhagem racial mista — e os “asiáticos”, a maior parte descendentes de pessoas trazidas da Índia para trabalhar nas plantações de cana de açúcar de Natal, há pouco mais de um século. Os missionários SUD têm sido bem sucedidos entre todos estes grupos. Além deles, existem muitos judeus, gregos e portugueses, enquanto os malaios da Cidade do Cabo formam um grupo à parte, e são muçulmanos.

Os antigos padrões e atitudes sociais estabelecidos pela história por mais de três séculos e meio estão mudando. Johann Brummer, presidente da Estaca Sandton, afirma: “Estamos atravessando um realinhamento de culturas, uma drástica transformação está acontecendo rapidamente. É difícil nos acomodarmos a ela nesse ritmo, e chegar a ser um “choque de culturas”.”

Paz e Boa Vontade

Mas, diz ele, apesar de tais dificuldades, “A Igreja simplesmente promove entre seus membros, sejam negros ou brancos, o conceito da paz e boa vontade”. O Irmão Swartzberg comenta: “As barreiras tradicionais estão se desmanchando.”

“A extensão do sacerdócio a todos os homens dignos abriu uma grande perspectiva à obra missionária entre os negros”, declara Louis P. Hefer, representante regional na região de Johannesburg, África do Sul, e registrador do templo em Johannesburg. Os negros

geralmente se reúnem com os de sua própria raça. O Ramo de Soweto é totalmente dirigido por negros, e existem outras três congregações de negros em cidades locais que ainda são temporariamente supervisionadas por brancos, enquanto a liderança de negros se desenvolve. Há também ramos de negros e hindus em Durban, e várias pequenas unidades em Ciskei.

“Fizemos parte do ramo pioneiro de Soweto”, relembra James van Zyl, de Johannesburg, cuja esposa, Maureen, serviu com ele um chamado missionário. “Foi a experiência mais recompensadora de nossos vinte e quatro anos de Igreja. O primeiro a ser batizado foi Siphso Khomo, que havia formado o seu próprio grupo do Livro de Mórmon, a quem ele pregou seus princípios enquanto aguardava o batismo e o sacerdócio.”

Falando fluentemente sete línguas, Julia Mavimbela, presidente da Sociedade de Socorro do Ramo de Soweto, acompanha os missionários, traduzindo as lições. As pessoas são a sua vida, e sempre que necessário ela procura preenchê-la — fornecendo e plantando árvores, por exemplo, nos pátios escolares batidos pelo sol e em lugares públicos.

Antiga diretora de escola, com treinamento especial em pré-escola, esta avó possui um restaurante, uma panificadora, um açougue e um herbanário. Ela testifica, humildemente: “Tenho plena certeza de que o Senhor esteve me preparando para receber seu evangelho, e mal consigo expressar a alegria que sinto por causa disso. Tenho um forte testemunho de que o evangelho e a Igreja são verdadeiros, e que eles ensinam as pessoas a serem felizes.” Sendo viúva, após a dedicação do Templo de Johannesburg ela aproveitou a oportunidade para ser selada ao marido.

A Irmã Mavimbela serve na junta executiva multi-racial das Mulheres para a Paz e é membro ou fundadora de muitas organizações femininas. “Às vezes, quando bato a uma porta, fico um pouco receosa, mas digo a mim mesma que o Senhor me guiou àquela casa em particular, e assim me protegerá.”

Ajuda o Testemunho a Crescer

Os princípios do evangelho são o ponto central da vida familiar dos santos sul-africanos. Bárbara e

Wilfred (Bill) Wrench, do Ramo de Sandton 1, membros há trinta e cinco anos, comentam que agora começam a entender “a alegria que nosso Pai Celestial sente, quando fazemos com que nossos filhos e netos participem das atividades da Igreja. O testemunho deles ajuda o nosso a crescer.” Seus filhos Ian e Michael são, respectivamente, primeiro e segundo conselheiro da presidência da estaca Sandton África do Sul.

Na África do Sul, todos os programas das organizações auxiliares se acham funcionando e são bem freqüentados. Donald E. Harper, diretor de área do Sistema Educacional da Igreja, comenta: “O programa de Seminário e Instituto começou em 1974, e envolve 70 por cento de nossos jovens. Eles são realmente dedicados, levantando-se às cinco horas da manhã para assistir às aulas das 6 às 7 horas, indo depois diretamente para a escola, que inicia às 8, cinco dias por semana.” Há também classes vespertinas.

Os Primeiros Missionários

O crescimento da mensagem do evangelho na África do Sul foi predito há mais de 130 anos pelo primeiro presidente de missão para lá designado, Jesse Haven. Com os seus companheiros, William Holmes Walker e Leonard I. Smith, ele organizou a Igreja no Cabo da Boa Esperança e dedicou o país à obra missionária. Subindo as encostas do Lion's Head, uma colina de onde se avista a Cidade do Cabo, no dia 23 de maio de 1853, ele disse: “Muitas pessoas sinceras de coração rezeijarão com o evangelho eterno.”

Nos anos seguintes, suas palavras se provaram verdadeiras, embora as difíceis condições e a oposição tornassem lento o progresso nos primeiros dias. A emigração de conversos rumo a comunidades maiores da Igreja manteve pequena a população de santos no sul da África por quase um século. Contudo, os membros fiéis defenderam os ensinamentos do evangelho mesmo em tempos atribulados, como os que surgiram, quando os missionários foram retirados durante as guerras da Fronteira e da África do Sul (1856-1861, 1865-1904), e em ambas as Guerras Mundiais.

“Em virtude da grande distância, muitas vezes nos sentimos isolados da sede da Igreja e aguardamos ansiosamente a visita de seus representantes”, afirma Debbie Vial, professora de Refinamento Cultural da Sociedade de Socorro da Ala de Pinetown, Estaca Durban África do Sul.

De fato, Durban fica tão distante da Cidade do Lago Salgado como qualquer outro lugar da terra onde a Igreja se acha organizada.

Desde a época da chegada do Presidente Haven, na África do Sul, como primeiro presidente de missão, passou-se um século até que uma Autoridade Geral, o Presidente David O. McKay, visitasse a África do Sul,

em 1954. Depois dele vieram outros líderes: o Élder Ezra Taft Benson, em 1972, quando era membro do Quorum dos Doze Apóstolos, e o Presidente Spencer W. Kimball, em 1973, quando presidente daquele quorum. O Presidente Kimball rededicou aquele continente, quando se achava em Johannesburg, que na época se havia tornado a sede da Igreja para os santos sul-africanos.

Fortalecendo a Igreja

Estas visitas encorajaram os membros e ajudaram a acelerar o crescimento da Igreja, resultando na realização da primeira conferência de área sul-africana em 1978, em Johannesburg. Ela foi assistida pelo Presidente Kimball, então Presidente da Igreja, e diversas outras Autoridades Gerais; foi a primeira vez que mais de uma Autoridade Geral pisou em solo sul-africano de uma só vez. Famílias por todo o país se preparam com meses de antecedência para se encaminharem em peregrinação a esta reunião especial.

“Com o crescimento da Igreja”, diz o Irmão Hefer, “temos visto nossos próprios missionários serem chamados em grande número, e alguns ex-missionários agora estão servindo em presidências de estaca e da Sociedade de Socorro, como bispos e conselheiros, fortalecendo sobremaneira a Igreja.”

Um marco especial para os santos ocorreu em agosto de 1985, com a dedicação do Templo de Johannesburg, África do Sul. Para muitos santos, o templo se tornou parte de suas vidas — eles o freqüentam regularmente e são muito cônscios das suas obrigações. Outros estão aprendendo mais a respeito do valor do templo ao nele servirem.

A Irmã Sylvia J. Milne, conversa há vinte e nove anos e agora servindo como supervisora dos serviços de escritório no templo, compartilha algumas considerações que representam os sentimentos de muitos dos que com ela servem: “Tem sido um grande privilégio ser uma serva na casa do Senhor. Um agradável espírito de camaradagem é evidente entre todos os que trabalham na obra pelos mortos.”

Tendo um novo templo em seu meio, como uma testemunha tangível do amor que o Pai Celestial tem por eles, os santos da África do Sul podem encarar o futuro com o coração tranquilo, lembrando-se do que disse Jesse Haven, em dezembro de 1855, ao partir da África do Sul, avaliando sua missão: “Sinto que o Senhor nos abençoou. Foi estabelecido neste continente o alicerce de uma extraordinária obra, e uma semente foi lançada.” Agora é uma semente bem arraigada, amadurecida e portadora de preciosos frutos.

Marjorie E. Woods, uma escritora free-lance, é bibliotecária assistente da Sucursal da Biblioteca Genealógica de Johannesburg. É membro da Primeira Ala de Sandton, Estaca Sandton África do Sul.



UMA NAÇÃO COSMOPOLITA

A África do Sul transmite um certo sentimento de espaço, grandeza e majestade. Os Oceanos Atlântico e Índico se encontram em sua parte sul, ao passo que, no interior, do platô Grande Karoo, avista-se a linha contínua do horizonte em quase todas as direções. A noroeste, no Parque Nacional de Kalahari Gemsbok, e a nordeste, no Parque Nacional de Kruger, podem-se encontrar exemplares da vida selvagem que notabilizam a África. A histórica Cidade do Cabo, cidade-mãe da nação e capital legislativa, e a vibrante Johannesburg, “cidade do ouro”, acham-se entre as maiores metrópoles do mundo.

Sendo uma nação cosmopolita, com suas raízes profundamente plantadas na história da raça negra, a África do Sul desenvolveu a sua influência européia já desde o século XV. O navegante português Bartolomeu Dias aportou em 1488 na baía de Mossela, situada cerca de 400 quilômetros a leste da atual Cidade do Cabo. Duzentos anos depois, a Companhia das Índias Holandesas estabeleceu no Cabo um porto de parada para seus veleiros mercantes. As sucessivas ondas de colonizadores, principalmente franceses, alemães, e britânicos, ajudaram a desenvolver o país.

As operações da Companhia das Índias Ocidentais trouxeram muitos holandeses para a África do Sul. Seus descendentes, junto com os dos imigrantes alemães e franceses, formam a maioria dos africânderes atuais, que falam seu próprio idioma — o africâner. Constituem cerca de 60 por cento da população branca da África do Sul. Os outros 40 por cento são formados principalmente por pessoas de língua inglesa, descendentes dos que emigraram da Grã-Bretanha antes e durante o período do domínio inglês que se seguiu ao domínio holandês, junto com os imigrantes mais recentes. □

REFLEXÕES ORAÇÕES SACRAMENTAIS

John S. Tanner

Os versículos de escrituras que os membros da Igreja mais conhecem, provavelmente, são Morôni 4:3, 5:2, e D&C 20:77, 79 — as passagens que contêm as orações sacramentais. Sejam quais forem as escrituras que leiamos durante a semana, certamente ouviremos estas a cada domingo. Antes da implantação do sistema de reuniões combinadas, as ouvíamos duas vezes aos domingos — na abertura da Escola Dominical e na reunião sacramental. Creio que já as ouvi mais de 3.300 vezes.

As orações sacramentais acham-se entre as poucas orações cujas palavras específicas nos foram reveladas pelo Senhor. Ele, obviamente, deseja que seu povo realmente reflita amiúde sobre estas palavras sagradas. Não obstante, em geral as ouvimos sem realmente prestar atenção ao significado que existe por trás das palavras.

Comentário sobre as Orações Sacramentais

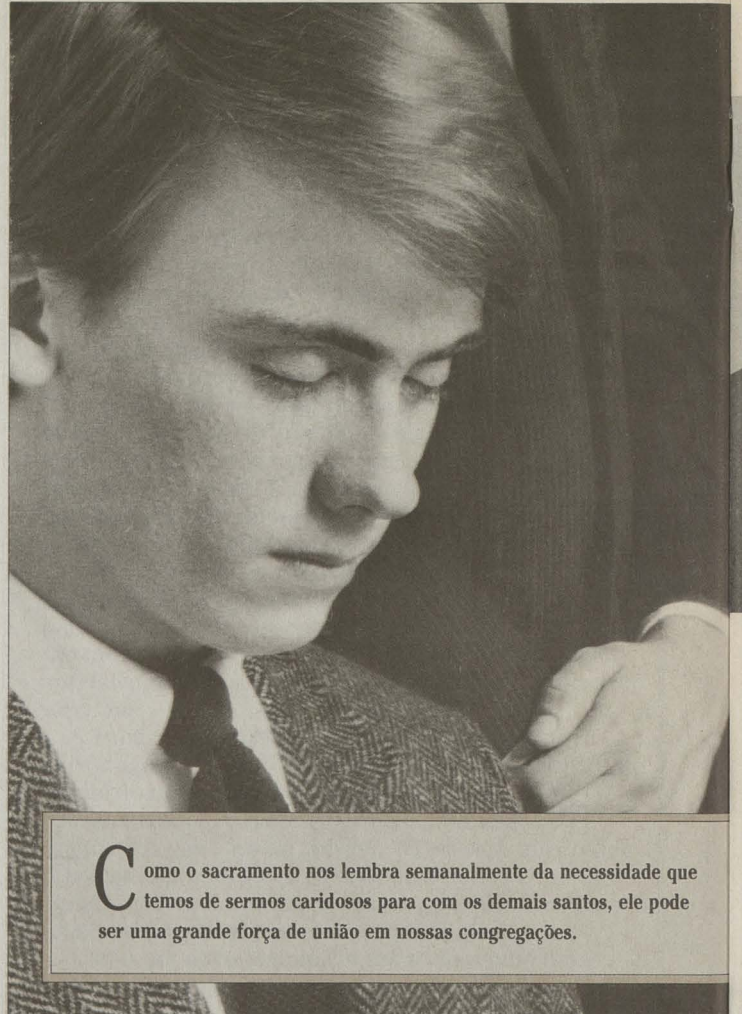
Tenho sido muito recompensado espiritualmente ao examinar estas orações frase por frase, considerando o significado de cada linha, e me concentrando nas palavras importantes. Talvez as minhas reflexões possam ajudá-lo em sua adoração sacramental, como aconteceu a mim.

1. "Ó Deus, Pai Eterno"

Ambas as orações assim começam. As duas mencionam Deus duas vezes, e cada uma nos fazendo lembrar de que ele é o nosso Pai Eterno. Ao refletir sobre o extraordinário sacrifício pessoal feito pelo Salvador, freqüentemente subestimei o fato de que Deus, como o Pai, participou intimamente da terrível dor e sacrifício da Expição. O Élder Melvin J. Ballard descreveu desta maneira a agonia de um Pai divino, ao presenciar o sofrimento que poderia ter impedido que seu Filho sofresse:

"Deus ouviu o lamento de seu Filho naquele momento de grande dor e agonia, no jardim, quando, diz na Bíblia, os poros de seu corpo se abriram, e gotas de sangue escorreram, fazendo-o implorar: "Pai, se queres, passa de mim este cálix." (Lucas 22:42.) Pergunto-vos, qual o pai ou mãe que seria capaz de ouvir o lamento de seus filhos em angústia, neste mundo, sem prestar-lhes ajuda e assistência?..."

Parece-me poder ver nosso querido Pai Celeste por detrás do véu, olhando aquele sofrimento tão intenso, até já não mais poder suportar; e, como a mãe que, ao se despedir de seu filho agonizante, tem que ser tirada do quarto para que não veja suas últimas dificuldades,



Como o sacramento nos lembra semanalmente da necessidade que temos de sermos caridosos para com os demais santos, ele pode ser uma grande força de união em nossas congregações.

ele pendeu a cabeça e foi esconder-se em alguma parte do universo, com seu grande coração quase arrebatando de amor pelo Filho. Oh! Naquele momento em que ele poderia ter salvado seu Filho, agradeço-lhe e presto-lhe louvor por não nos ter falhado, pois tinha em mente não apenas o amor a seu Filho, mas, também, o amor a nós." (Melvin J. Ballard, *Crusader for Righteousness*, Salt Lake City: Bookcraft, 1966, pp. 136-137.)

É adequado, portanto, que as orações sacramentais nos lembrem de que nosso Deus é também um pai, e que seu sacrifício foi essencial à Expição.

S SOBRE AS CRAMENTAIS



2. “Nós te rogamos”

Nós te rogamos. O sacramento é uma experiência compartilhada. Dele partilhamos *junto* com nossos irmãos e irmãs, que fizeram o mesmo convênio batismal que nós. Todos temos a mesma necessidade de nos arrepender e de nos comprometermos de novo a viver os mandamentos. Partilhar do sacramento é participar formalmente em comunhão com os santos.

O Presidente David O. McKay descreveu desta maneira este vínculo de fraternidade:

“Nos primeiros tempos do estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo, os irmãos se reuniam geralmente ao

nascer do dia, a fim de partilhar deste sacramento, em laços de fraternidade, de união. O elemento da fraternidade sempre tem sido associado ao sacramento.

Reunimo-nos amiúde na fraternidade de Cristo, todos igualados, cada um expressando confiança no outro, e todos nos demais.” (*Improvement Era*, janeiro de 1953, pp. 13-14.)

De igual maneira, muitas escrituras nos ensinam que é necessário que nos reconciliemos com os outros santos, para desfrutarmos mais plenamente do sacramento. “Se alguém tiver cometido ofensa, que não tome o sacramento até que se tenha reconciliado.” (D&C 46:4; ver também I Coríntios 10:21; 3 Néfi 18:28-29; D&C 20:68-69.) *Todos* nós temos igual necessidade do Espírito do Senhor e do perdão: “nós te rogamos.”

3. “Em nome de teu Filho, Jesus Cristo”

Desde a época em que o Pai Adão ofereceu um sacrifício pela primeira vez, fomos instruídos a fazer todas as coisas em nome do Filho: “Portanto, farás tudo o que fazes em nome do Filho”, disse o anjo a Adão, “e te arrependerás e invocarás a Deus em nome do Filho para todo o sempre”. (Moisés 5:8.)

Por que oramos em nome do Filho? Porque ele é o nosso advogado junto ao Pai. O sacramento geralmente traz-me à mente o apelo que Cristo fez ao Pai por nós:

“Pai, contempla os sofrimentos e a morte daquele que não cometeu pecado, em quem te comprazeste; contempla o sangue do teu Filho que foi derramado, o sangue daquele que deste para que tu mesmo fosses glorificado;

Portanto, Pai, poupa estes meus irmãos que crêem em meu nome, para que possam vir a mim e ter a vida eterna.” (D&C 45:4-5.)

Estas palavras dão um significado ainda maior às orações sacramentais oferecidas “em nome de teu Filho”.

4. “Que abençoes e santifiques este pão (água) para as almas de todos os que partilharem (beberem) dele (a)”

O pão nos lembra seu corpo. Quando partilho do pão, lembro-me do sofrimento *físico* de nosso Senhor. Recordo as dores dos açoites em suas costas, os espinhos penetrando em sua cabeça. Lembro-me do peso da cruz que ele arrastou pelas ruas poeirentas em sua jornada rumo ao Gólgota. Penso nos cravos que lhe atravessaram os pulsos, rasgando-lhe as carnes, quando a cruz foi levantada no lugar. Penso na cruel crucifixão que não concedeu à vítima a menor

clemência, ao fazê-la suportar o seu peso em seus pés e braços. E, finalmente, recordo-me de que toda esta dor foi voluntária, pois tanto nosso Redentor como o Pai poderiam ter posto um fim a ela a qualquer momento.

A água nos lembra o seu sangue derramado. Quando a bebo, recordo-me da angústia *espiritual* de nosso Senhor, quando ele, de alguma forma, tomou sobre si o peso de nossos pecados. Lembro-me do Getsêmani, quando ele suou sangue por todos os poros, tão grande foi a sua agonia e compaixão. (Ver Mosiah 3:7; Lucas 22:44; D&C 19:16-19.)

O pão é abençoado em benefício de nossas almas; ele se destina a alimentar o nosso espírito. Todos nós cometemos faltas todas as semanas, as quais exaurem a nossa vitalidade espiritual. Mas, quando participamos do sacramento com fome e sede de justiça, desejando ardentemente nos dedicarmos de novo a Deus, somos fartos. O Élder Melvin J. Ballard testemunhou:

“Há um espírito que permeia a administração do sacramento, o qual aquece a alma da cabeça aos pés; podereis sentir as feridas do espírito serem curadas, e aliviar-se o fardo que vos oprime.” (Ballard, p. 133.)

O pão e a água realmente podem alimentar as *almas* de todos os que partilham dignamente deles; para esse fim, são eles abençoados e santificados.

5. “*Para que o comam (possam fazê-lo) em lembrança do corpo (sangue) de teu Filho*”

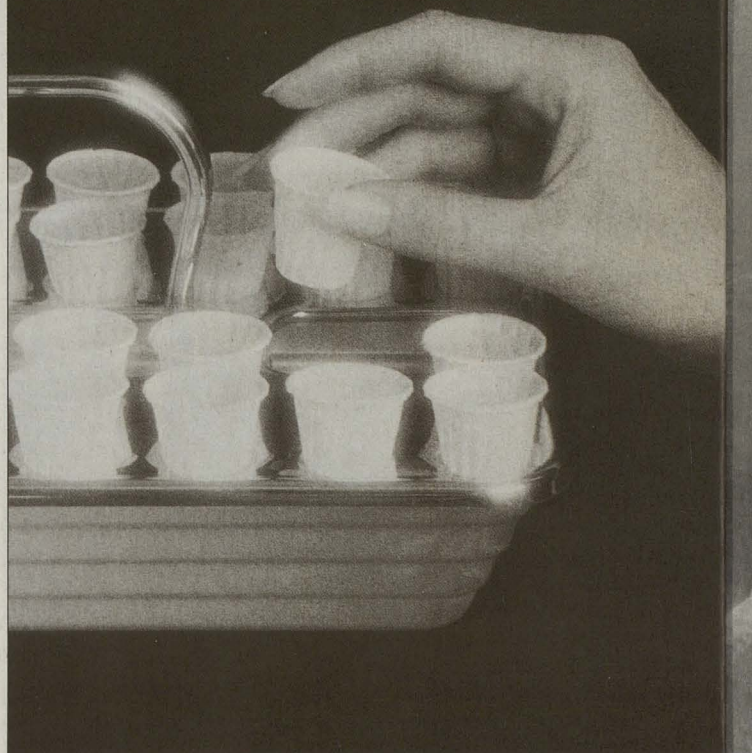
Partilhamos do sacramento em *lembrança*. Isto nos ensina que o sacramento é um ato que rememora, e não que reencena. Os emblemas da Expição não são milagrosamente transformados no corpo e sangue literais de Cristo, como tantos acreditam. Milhares de pessoas foram perseguidas e até mesmo mortas por causa desta simples doutrina. Quão grato sou que as nossas orações sacramentais reveladas estabelecem claramente estas doutrinas. Estes emblemas *representam* o corpo e o sangue do Senhor, para que deles *nos lembremos*.

6. “*E testemunhem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que desejam*”

Contudo, não devemos simplesmente nos lembrar daquilo que passou. Participamos do sacramento com a firme determinação, presente e futura, de testemunhar. Que significa testemunhar? Na peça de Robert Bolt, *A Man for All Seasons*, (Um Homem para Todas as Épocas), Thomas More (1478-1535 — autor, estadista e santo inglês) define um juramento como “palavras que dizemos a Deus”. (New York: Vintage Books, 1962, p. 81.)

Ser uma testemunha é uma coisa muito séria, pois significa dizer palavras solenes a Deus. Se assim procedermos levemente ou sem real intenção, perdemos o poder que temos de fazer e manter quaisquer promessas, mesmo aquelas que fazemos a

Ser uma testemunha é uma coisa muito séria, pois significa dizer palavras solenes a Deus. Se assim procedermos levemente ou sem real intenção, perdemos o poder que temos de fazer e manter quaisquer promessas, mesmo aquelas que fazemos a nós mesmos.

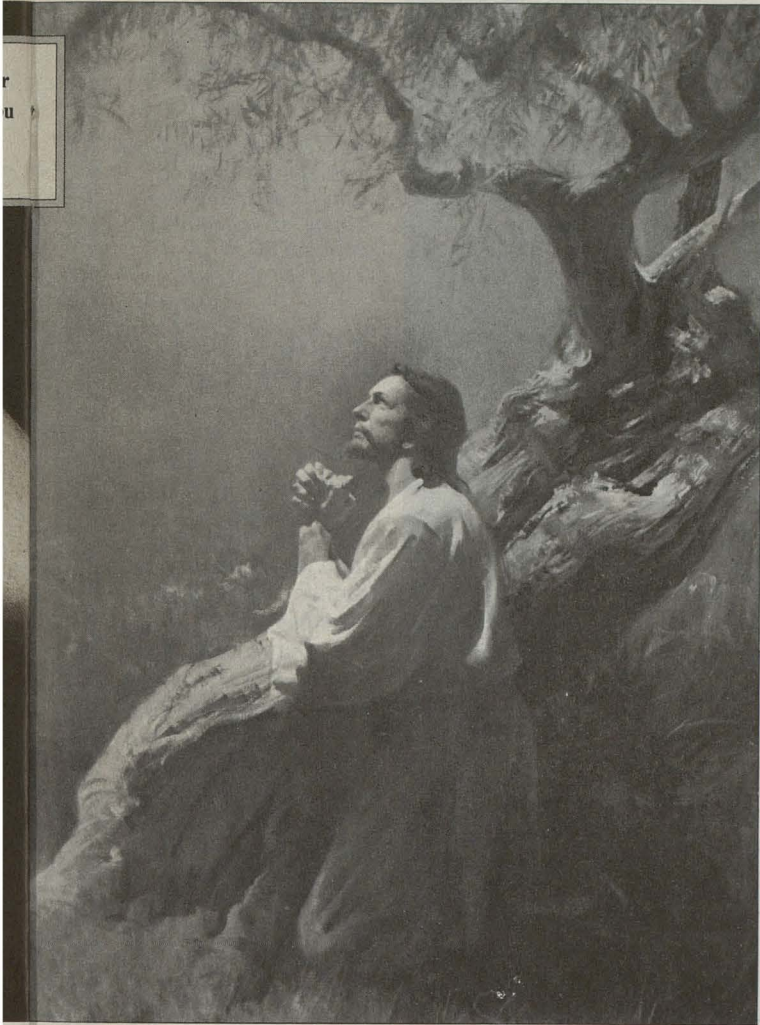


nós mesmos.

Dizemos também, ao abençoar o pão, que *desejamos*. Seria proveitoso fazer uma pausa e analisar esta poderosa palavra: fazer algo voluntariamente é praticá-lo grata, livre, e obedientemente e de todo o coração. Tal promessa eu faço de minha livre escolha, com todo o ânimo e disposição.

7. “*Tomar sobre si o nome de teu Filho, e recordá-lo sempre e guardar os seus mandamentos*”

Na oração que abençoa o pão, assumimos de novo o compromisso de tomarmos sobre nós o nome do



Senhor. Este é um acordo que fazemos pela primeira vez por ocasião do batismo. (Ver D&C 20:37.) Que grande privilégio é tomar sobre si o nome de Cristo, e que extraordinária responsabilidade!

O Presidente George Albert Smith sonhou, certa vez, que havia encontrado seu avô no mundo espiritual. George A. Smith tinha sido um apóstolo e homem poderoso na Igreja. “Gostaria de saber o que você tem feito com o meu nome”, perguntou ele ao neto.

O Presidente Smith examinou rapidamente a sua vida como se fosse um filme numa tela. Rapidamente,

este retrospecto vívido se desfez e então sorriu para seu avô e disse: “Nunca fiz nada com seu nome que possa envergonhá-lo.”

George A. Smith andou para a frente, tomou-o em seus vigorosos braços e “ao fazê-lo recobrei a consciência novamente. Meu travesseiro estava molhado com lágrimas de gratidão por poder responder sem medo.” (*O Meu Reino Avançará*, p. 107.)

Nós, que tomamos sobre nós o nome de Cristo, primeiro no batismo e depois, semanalmente, no sacramento, devemos também ser dignos de ser abraçados pelo Senhor. Mas, antes de tudo, teremos que prestar contas do que fizemos com o seu nome, que é o único dado sob os céus pelo qual podemos ser salvos.

De que maneira *sempre* nos lembramos dele? Não importa quão inspiradores sejam os domingos que passamos, quando chega a manhã de segunda-feira, os cuidados do mundo voltam rapidamente a nos pressionar. Creio que o Senhor permite que partilhemos do sacramento semanalmente, porque compreende a tendência humana que temos de esquecer.

Nossas mentes conscientes, sem dúvida, se ocupam de muitas outras coisas além da Expição. Mas devemos lembrar-nos dele com o nosso coração. Sua lei deve estar escrita não somente em nossas mentes, mas também “nas tábuas de carne do coração”. (II Coríntios 3:3.)

8. “*Para que possam ter sempre consigo o seu Espírito.*”

Se fizermos o convênio de *sempre* nos lembrarmos dele, o Senhor promete, por sua vez, *sempre* nos abençoar com o seu Espírito. Que dádiva celestial! Podemos avaliar quão importante é termos o Espírito conosco pelas ocasiões em que não o sentimos em nossa vida, ou pela escritura que registra o lamento que o Salvador elevou na cruz, quando clamou, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46.)

Para ajudar a avivar a nossa lembrança (ver João 14:26), o Espírito Santo pode auxiliar-nos a cumprir a condição específica da qual depende a sua presença: de que sempre nos lembremos. Há um esforço espiritual concentrado nesta recomendação dos céus: quanto mais nos esforçamos para praticar o bem, mais somos abençoados com o poder de praticá-lo; quanto mais temos, mais nos é dado; quanto mais procuramos nos lembrar, mais o Senhor coloca ao nosso dispor a influência daquele cujo chamado é “fazer lembrar de tudo”. (João 14:26.)

Honramos o nome do Senhor e o mantemos em nosso coração, guardando os seus mandamentos. Mas quais deles? Em primeiro lugar, lembro-me das

perguntas que me são formuladas em uma entrevista de recomendação para o templo. Mas existem questões ainda mais profundas às quais devo ser capaz de responder afirmativamente: Realmente amo a Deus e os meus semelhantes com todo o meu coração e força? “Se alguém me ama, guardará a minha palavra”, disse Jesus (João 14:23).

9. “Amém”.

Esta palavra é nosso selo solene. Proferimo-la em voz alta, todos juntos, e tal gesto nos une como uma comunidade de fiéis. Após ouvirmos cuidadosamente estas maravilhosas orações sacramentais, valemo-nos desta palavra como símbolo de nossa aprovação formal.

Partilhar do sacramento é participar de estreita confraternização não apenas com os santos, mas com o próprio Salvador. Numa revelação

moderna, o Senhor predisse uma grande coligação dos justos, onde ele de novo partilhará do sacramento. Ali congregados estarão Morôni, Elias, João Batista, Elaiás, José que foi vendido no Egito, Jacó, Isaque, Abraão, Adão, Pedro, Tiago e João, “e também com todos os que do mundo o Pai me deu”. (D&C 27:5-14.) Que agora possamos partilhar dignamente do sacramento, para que sejamos encontrados entre aqueles abençoados justos. Então seremos recebidos



Na oração que abençoa o pão, assumimos de novo o compromisso de tomarmos sobre nós o nome do Senhor. Este é um acordo que fazemos pela primeira vez por ocasião do batismo. Que grande privilégio é tomar sobre si o nome de Cristo, e que extraordinária responsabilidade!

jubilosamente de volta nos braços daquele cujo nome temos honrado. □

John S. Tanner, professor assistente de inglês da Universidade Brigham Young, serve como bispo da Ala BYU 111.

VAMOS CONVERSAR

Após ler o artigo “Reflexões sobre as Orações Sacramentais”, considere, individualmente ou em família, as seguintes questões e idéias.

1. Como podemos aumentar o vínculo de fraternidade que deve fazer parte da oração sacramental?
2. De que maneira o sacramento nos lembra do amor *do Pai*, bem como o do Filho?
3. Como posso tomar mais plenamente sobre mim o nome do Senhor? Como posso honrar o seu nome?
4. De que uma pessoa necessita para tirar proveito das

bênçãos estendidas àqueles que partilham do sacramento?

5. Prepare-se para partilhar do sacramento neste domingo, examinando os compromissos que assumimos durante as orações sacramentais e as promessas que nosso Pai Celestial nos estende, se guardarmos tais convênios. Em seguida, reflita sobre tais compromissos e promessas durante a administração do sacramento.

A B B Y R U T H

Debra Huggins Baird

“Temos más notícias sobre o seu bebê”, disse o médico, seriamente.

Enquanto meu olhar se voltava dele para meu marido, Randy, percebi que a condição de nosso filho ainda por nascer devia ser muito grave.

Hidrocefalia foi o termo usado pelo médico — água no cérebro. A extensão do dano causado ao cérebro seria determinada depois de saberem por quanto tempo aquela condição existia. Ele nos assegurou que, provavelmente, não fazia muito tempo, pois não percebera o volume aumentado da cabeça em nenhum dos exames prévios. Porém, a única medida a tomar era uma cesariana de emergência.

O médico prosseguiu seu calmo monólogo. Ele continuou considerando que seria uma cesariana de “alto risco”, e disse que, em casos como o meu, às vezes é necessário destruir o bebê, para preservar a mãe.

Randy deu uma bênção em nosso filho por nascer. Ele havia sido ordenado élder somente há um mês (havíamos sido selados no templo quinze dias antes), e essa foi a primeira oportunidade que ele teve de exercer o seu sacerdócio. Recebi essa bênção com renovada gratidão a ele e seu empenho de se tornar digno. Logo depois fui invadida por um sentimento de paz, e tive certeza de que tanto o bebê como eu sobreviveríamos.

“Senti-me Culpada”

Lembro-me vagamente de ter sido levada rapidamente para a sala de operação, e que, em seguida, fiquei inconsciente. O próximo som que ouvi foi o choro de uma criança a distância. Uma enfermeira disse, “É uma menina. Quer vê-la?”

“Não!” respondi, fechando os olhos com toda a força. De repente,

senti-me terrivelmente receosa de olhar para ela, entrando em pânico, porque não esperava esta mudança de acontecimentos. Quando elas silenciosamente a levaram, senti um certo alívio, e ao mesmo tempo profundamente culpada.

A 1h30min da manhã, acordei sobressaltada. O quarto do hospital estava escuro, exceto pela luz difusa da lua cheia que atravessava a janela. Chamei a enfermeira e pedi-lhe algo que aliviasse minha dor física constante. Pedi, então, que trouxesse meu bebê. Quando ela chegou com a menina, a primeira idéia que me veio à mente foi “Ângela!”

Ela se parecia incrivelmente com a nossa filha mais velha. Sua cabeça era volumosa, mas para mim era uma criança linda.

Fiquei acordada por muito tempo depois de a enfermeira a ter levado. Muitos pensamentos

passaram por minha dolorida cabeça: “Por favor, Pai”, implorei, “ajude meu bebê”!

Chorei por muito tempo naquela noite, insone, até ver a escuridão lentamente partir, dando lugar ao dia.

“Ela Não Tem Cérebro”

Durante todo aquele dia, Randy e eu esperamos que o neurocirurgião chegasse, trazendo alguma notícia sobre os resultados dos testes feitos com nosso bebê. Quando ele finalmente veio às 10h30min da noite, disse-nos numa voz fria e ponderada.

“Sua filha não tem a menor chance de ter uma vida normal”, afirmou claramente. “Ela não tem cérebro.”

Meras palavras não podem descrever o que senti naquele momento. Fiquei abismada com a sua frieza, quando ele prosseguiu, aparentemente alheio à



Ilustração de Larry Winborg

Com o auxílio de nosso Pai Celestial, passamos a considerar Abby como nossa mais doce experiência de aprendizado, treinamento nas virtudes do amor e fé.

tortura que Randy e eu estávamos sofrendo.

“O cérebro dela simplesmente nunca se formou. Ela tem apenas a base dele, que é o mínimo necessário para mantê-la com vida. Essa parte controla todas as funções involuntárias — como o coração, a respiração, o sistema digestivo e os reflexos. Ela nunca poderá virar-se, engatinhar ou andar. Não se desenvolverá mentalmente de forma alguma. É cega e surda. Ela jamais atenderá ao seu chamado, e terá que ser alimentada através de um tubo.”

Ele supôs que ela viveria no máximo até seis meses.

Quando ele saiu do quarto do hospital, levou consigo todas as esperanças que tínhamos para nosso bebê. Randy e eu nos lançamos um nos braços do outro e nos esforçamos para pôr em ordem nossas abaladas emoções. Tínhamos tentado nos preparar para receber o impacto das notícias de que ela pudesse ser retardada, mas jamais sonhávamos com isso tudo. Foi como se o mundo tivesse desabado sobre nós.

Quando Abby Ruth, o nome que lhe demos, tinha três dias, eu a segurara em meus braços apenas umas poucas vezes, e não havia existido aquele relacionamento tão importante entre mãe e filha. Mais tarde, naquela noite, sendo forçada a tomar uma decisão que não queria, fui até a unidade de



Em nossa profunda tristeza oramos sinceramente ao Pai Celestial — e recebemos uma resposta clara que aliviou nosso coração.

tratamento intensivo para vê-la. Fiquei perto de seu bercinho, vendo-o olhar vagamente o espaço vazio. Uma das enfermeiras veio até perto de mim, e sacudi a cabeça, tristemente.

“Seu Espírito Sabe”

“A pobrezinha não tem a menor idéia do que está acontecendo, não é mesmo?” perguntei baixinho.

A enfermeira voltou-se e disse-me, com a mais profunda convicção: “Talvez sua mente não perceba, mas

seu espírito sabe.”

Aquela simples declaração atingiu-me com tremenda força. Por que eu não tinha pensado nisso antes?

Mais tarde, naquela noite, sonhei que uma bonita jovem, de cabelos louros, longos e ondulados e vestindo um manto branco esvoaçante, dirigia-se até mim em meio a uma névoa, com os braços estendidos para me abraçar. Soube, então, que, quando chegar o momento e eu partir deste mundo, Abby estará lá me esperando,

inteiramente perfeita. Sabendo disso, como podia eu afastar-me dela, quando mais precisava de mim?

Depois que fomos para casa, descobrimos que Abby era capaz de reagir muito mais do que o neurocirurgião previa. Entretanto, não demorou muito e a cabeça dela começou a aumentar rapidamente, e o médico teve de colocar um pequeno dreno para retirar o excesso de fluidos. Ele achou aquela uma cirurgia desnecessária, mas para nós, ficarmos de lado sem nada fazer, significava vê-la sofrer uma morte lenta e agonizante. Não poderíamos suportar. Abby tinha sopro no coração, e reeamos que não agüentasse a cirurgia, mas vimos que não havia alternativa.

Abby agüentou valentemente a operação, e ficamos admirados. O que a mantinha viva? Eventualmente, seu apetite melhorou e ela começou a ganhar peso.

Quando a trouxe de novo para casa, notei imediatamente que ela podia ouvir, e ficamos mais animados. Mas aquilo veio a ser mais um problema que uma bênção. Ela reagia violentamente ao menor ruído. Mais de uma vez entrei em seu quarto e falei-lhe com ternura, somente para depois vê-la ficar vermelha de tanto chorar. Ela não podia de forma alguma identificar os ruídos ao seu redor, e isso a amedrontava.

“Que Devo Fazer”?

Aquele foi o início do verão mais difícil de nossa vida. Abby Ruth ficava acordada a noite inteira, noite após noite, chorando, até que Randy e eu pensamos que íamos perder o juízo. Muitas vezes ela chorava a noite inteira até as 5h00 ou 6h00 da manhã, e só então dormia. Às 10h30min ou 11h00, eu ia a custo ver como estava. E se estivesse morta? O que eu faria? Eu sabia que a minha maneira de reagir a tal situação afetaria profundamente minhas duas outras filhas, e a pressão se tornou maior do que eu podia suportar.

Finalmente, cheguei a um ponto muito perto do colapso. Próximo ao final de setembro, marcamos uma entrevista com o chefe da escola estadual de treinamento para deficientes, esperando obter alguma espécie de ajuda.

A junta da escola foi muito receptiva. Enfim, havíamos encontrado pessoas que realmente entendiam o que estávamos passando. Eles se ofereceram para levá-la, a fim de nos dar uma semana de descanso.

No final da semana, tudo começou novamente. Ela chorava sem parar, dia e noite, e

inúmeras vezes ficamos perto de seu berço e chorávamos junto com ela. Eu me sentia tão desalentada e não via a menor solução. “Que espécie de vida é esta?” perguntei a mim mesma. Minhas duas outras filhas estavam começando a sentir falta de mim, e o meu casamento parecia abalado.

“Recebi Minha Resposta”

Outra importante decisão precisava ser tomada, mas Randy e eu discordávamos. Ele achava que colocar Abby numa escola estadual seria o mesmo que rejeitá-la. Considerei ser esse o único meio de voltarmos a uma vida normal e mantermos a nossa família; seria impossível para mim continuar a dar à criança as vinte e quatro horas de cuidado de que necessitava.

Era impossível deixar de sentir que havia falhado com ela, e tomada de profunda tristeza, invoquei o Pai Celestial. Ele conhecia toda a história, mas tarde da noite repeti-a toda para ele, ajoelhada. Naquela noite, orei por mais tempo e com maior sinceridade do que nunca. Quando, finalmente, terminei, arrastei-me para a cama, senti-me completamente

esgotada, reclinei a cabeça no travesseiro e fiquei olhando a escuridão ao meu redor.

Foi então que recebi a resposta. Ela chegou clara e distintamente, uma suave resposta às minhas orações e coração desalentado. Não somente devíamos internar Abby Ruth na escola estadual de treinamento, como também não devíamos preocupar-nos com ela. Ela entenderia por que tomamos a decisão de colocá-la naquela instituição.

Talvez outros pais recebessem uma resposta diferente numa situação semelhante. Sei apenas que nossa resposta veio do Pai Celestial, e tínhamos a certeza de que ele conhecia a nossa situação e nos havia inspirado a agir apropriadamente.

Em 1º de novembro de 1980, Abby se tornou moradora permanente da escola estadual de treinamento. Jamais lamentamos havê-la tido conosco em nosso lar, pelo tempo que lá permaneceu. Por causa disso, ela se tornou parte integral da nossa família.

Ao recordar os eventos de nossa vida que levaram ao nascimento de Abby, vejo que o Pai Celestial tornou a nossa provação mais fácil de suportar. Nossa ala estava cheia de

pessoas ternas e amorosas, e tínhamos um bispo maravilhoso. Ele tocou o nosso coração com o evangelho e seus convênios. Serei eternamente grata por essas bênçãos.

Com o auxílio de nosso Pai Celestial, passamos a considerar Abby como nossa mais doce experiência de aprendizado e treinamento nas virtudes do amor e fé. Ela nos deu maior estímulo a nos esforçarmos para permanecermos dignos de modo que nossa família possa permanecer eternamente junta. □

Nota do editor: Abby Ruth, cuja condição clínica foi diagnosticada como anencefalia, ainda vive na escola estadual de treinamento de American Fork, Utah. Ela foi condicionada a aceitar os sons, e já não chora ao reagir aos ruídos, a menos que esteja assustada. Ela consegue levantar a cabeça, mas não controla o restante do corpo. Exceto pela falta de um cérebro desenvolvido, os órgãos vitais de Abby Ruth são normais e funcionam perfeitamente. Quando alguém fala com ela, às vezes responde com um riso. Os Baird tiveram mais dois filhos, após o nascimento de Abby Ruth; ambos são saudáveis e plenamente desenvolvidos.

DE VOLTA AO REBANHO

No **Élder Hartman Rector Jr.** do Primeiro Quorum dos Setenta

o *Church News* de 22 de dezembro de 1985, a Primeira Presidência formulou um convite especial a todos inativos, ou àqueles que foram desassociados ou excomungados, para que voltassem à atividade na Igreja.

Esse convite pretendia trazer maior alegria a todos os membros da Igreja, pois a única maneira de um membro da Igreja ser verdadeiramente feliz é guardar os mandamentos. O Senhor afirmou: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes." (João 13:17.)

O Senhor espera que todos nós procuremos ajudar as pessoas que estão afastadas da Igreja por qualquer motivo. A reativação é um dos problemas mais significativos que a Igreja enfrenta nesta e em todas as outras dispensações.

As três testemunhas do Livro de Mórmon realmente viram as placas que lhes foram mostradas por um anjo de Deus, e ouviram a voz de Deus ordenando-lhes que prestassem testemunho do que haviam visto e ouvido. Entretanto, mesmo depois de tal experiência, todas elas sentiram-se ofendidas e descontentes, e apostataram da Igreja. Duas voltaram, posteriormente. Dos doze primeiros membros do Quorum dos Doze Apóstolos nesta dispensação, sete apostataram e foram excomungados. Três voltaram à Igreja por meio do batismo e reassumiram atividades na Igreja. Quatro não.

Aparentemente, Jesus enfrentou esse mesmo



problema, logo no início de seu ministério. Em Lucas 15 ele

descreve três diferentes maneiras de acontecer a inatividade ou não-participação, e sugere pelo menos três diferentes formas de

promover a reativação. Este é o tema de três parábolas: (1) a ovelha perdida (Lucas 15:4-7), (2) a moeda perdida (Lucas 15:8-10), e (3) o filho pródigo

(Lucas 15:11-32).

A Ovelha Perdida

Na parábola da ovelha perdida parece que ela se perdeu porque se afastou. Provavelmente não pretendia perder-se, mas distraiu-se e não prestou atenção ao lugar aonde devia ir. Como fazer com que uma ovelha perdida retorne ao rebanho? Saímos e a procuramos, fazemos com que dê meia-volta e volte ao rebanho. Geralmente a ovelha fica tão feliz de retornar em segurança que corre e salta de alegria.

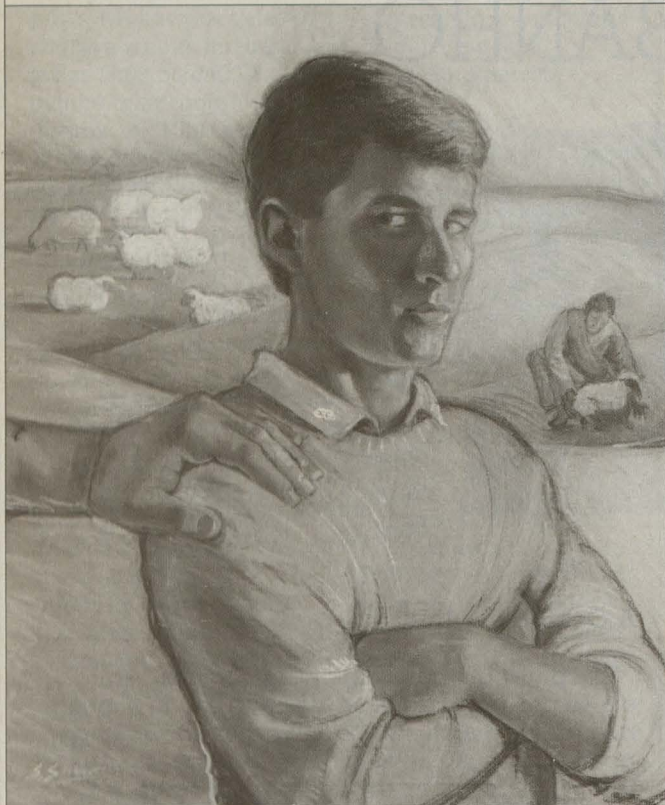
A Dracma Perdida

Na parábola da dracma perdida, a moeda perdeu-se por negligência do seu dono. É responsabilidade do dono, quando reconhece o que fez, procurar diligentemente até encontrar o que estava perdido.

Conheço um caso em que um jovem pai SUD, seguindo a tradição norte-americana, comprou uma caixa de charutos para oferecer, ao anunciar o nascimento de seu primeiro filho. Ingenuamente, ele ofereceu um charuto ao bispo. O bispo amassou o charuto e jogou-o no lixo, na presença do pai. Esse ato impensado



Senhor espera que todos nós procuremos ajudar as pessoas que estão afastadas da Igreja por qualquer motivo. A reativação é um dos problemas mais significativos que a Igreja enfrenta nesta e em todas as outras dispensações.



ofendeu de tal forma esse jovem pai, que ele jamais retornou à Igreja. Na verdade, criou toda uma família de filhos e netos, fora da Igreja.

Em minha opinião, o bispo foi parcialmente responsável pela perda dessa alma, e deveria tê-la procurado até conseguir encontrar a "moeda" e trazê-la de volta. Se imediatamente se houvesse desculpado por seu ato irrefletido, o jovem pai provavelmente teria voltado, tornando-se talvez mais forte do que antes.

Esta parábola nos ensina que quando ofendemos uma pessoa, temos a responsabilidade de nos desculpar ou procurar até encontrar o que foi perdido.

O Filho Pródigo

Na terceira parábola de ativação, o filho perdeu-se porque desejava perder-se. Ele não se extraviou, nem se perdeu devido à negligência do pai. Planejou sua partida, e provavelmente não teria sido fácil convencê-lo a voltar. Com freqüência essas pessoas não retornam até terem causado a si mesmas muito sofrimento com suas transgressões. Na parábola, o filho voltou quando caiu em si, quando seus sofrimentos o fizeram compreender a extensão de seu ato.

Em tais situações, nossa responsabilidade é estar presente, sempre prontos a aceitar a pessoa que retorna ao rebanho, tornando essa volta tão fácil quanto possível. Não podemos despojar-nos da caridade, insistindo que a pessoa pague até o último centil pelo privilégio do arrependimento.

Quando o pai, na parábola, viu o filho que "ainda estava longe", poderia ter suspeitado que ele voltava para pedir mais dinheiro. Contudo, "correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou". A ausência de condenação está plenamente manifesta neste simples ato. Nós necessitamos, desesperadamente, de demonstrar caridade uns pelos outros. Isto o nosso Pai Eterno nos demonstra vividamente em seu eterno perdão, estendendo-nos seu braço quase que o

dia inteiro. Ele prometeu: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã." (Isaías 1:18.)

Há pessoas que presumem que o filho mais velho, fiel, estava em situação muito melhor que o jovem pródigo, uma vez que o pai lhe disse "todas as minhas coisas são tuas". Entretanto, sua atitude não é caridosa, e, sem caridade, nada somos. (Vide Morôni 7:46.) Não creio que essa parábola tenha sido dada pelo Mestre para demonstrar os méritos relativos dos dois filhos. Ambos deixam muito a desejar. Acredito que ela visa primordialmente mostrar a bondade do Pai, sem a qual estamos todos perdidos.

Espero que o relato de Lucas não contenha a história toda. Gostaria que o filho mais velho dissesse algo assim: "Pai, vamos dividir nossos bens novamente, e dar outra vez uma parte a meu irmão." O pai poderia responder: "Meu filho, vamos matar outro bezerro, desta vez para você, pois agora você também reviveu."

Maiores de Todas

Sim, a caridade "o puro amor de Cristo", é a maior de todas, "nunca falha" e "permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia bem lhes irá". (Vide Morôni 7:46-47.)

A maior caridade que podemos exercer é abster-nos de julgar nossos irmãos e irmãs. Só então poderemos alcançá-los e trazê-los de volta à atividade na Igreja.

Nas palavras de Tiago: "Irmãos, se algum de entre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados." (Tiago 5:19-20.)

Parte da multidão de pecados que serão cobertos serão os nossos. Todos nós podemos beneficiar-nos dessa bênção, no último dia. □

A maior caridade que podemos exercer é abster-nos de julgar nossos irmãos e irmãs. Só então poderemos alcançá-los e trazê-los de volta à atividade.



VOCÊS ESTÃO EM NOSSAS ORAÇÕES

E Kirsten Christensen

les nunca nos disseram nada disto no Centro de Treinamento Missionário", era tudo que eu conseguia pensar, ao seguir minha companheira por uma melancólica ruazinha de Düsseldorf, arrastando meus pés gelados pela neve suja.

Menos de uma semana antes eu deixara o Centro de Treinamento Missionário, após dois intensos mas gloriosos meses cheios de gramática e vocabulário, palestras e escrituras, e reconhecimento cada vez maior das obras do Espírito. Ainda soavam em meus ouvidos inúmeras histórias de professores e Autoridades Gerais sobre as imensuráveis alegrias que me aguardavam no campo missionário, e sobre como vidas poderiam ser transformadas por causa da mensagem que eu levava.

Enquanto andava naquele dia, sentia-me traída. A única

mudança de vida que ocorrera fora a minha própria: do conforto do sol do Arizona para a desolação do inverno alemão, e da liberdade de minha existência anterior a uma vida de trabalho físico exaustivo e restrições ilimitadas.

Fiquei imaginando onde estaria toda a alegria, enquanto galgava escadarias sem fim para falar com pessoas que não desejavam falar conosco. Pensava também, como a verdade poderia fazer qualquer diferença na vida de pessoas que fechavam a porta antes de ouvir uma sentença inteira. E, mais do que tudo, imaginava onde estaria o prometido Espírito, o Espírito que abrandou o coração de homens como Alma e Paulo, que guiara missionários como Amon e Aarão a fim de que proclamassem as palavras certas às pessoas certas, e que dera a mensageiros como Abinadi e Samuel, o lamanita, a força da convicção e amor às pessoas, que os levara a continuar, a despeito de toda perseguição e rejeição.

Eu não sentia amor pelo povo, nenhuma alegria no trabalho, e nenhum Espírito para consolar ou inspirar-me. Tudo que sentia era uma amargura até então desconhecida, e uma solidão que jamais sonhara existir.

Enquanto me arrastava pelas ruas, lutando contra as lágrimas, voltei meus pensamentos para casa, na esperança de diminuir meu desespero por um instante que fosse. Naquele momento confuso e de frustração, um único quadro surgiu em minha mente. Vi meus pais ajoelhados junto à cama, com a cabeça baixa e as sobrelanceiras franzidas em oração. Suas palavras eram para mim. "Querido Pai, abençoa nossa filha. Livra-a do desânimo e guia-a em teus caminhos."

Quando aquele quadro se desvaneceu, cem outros o seguiram em rápida sucessão: Visões de seis irmãos e uma irmã; de parentes, amigos e membros da ala, todos de cabeça baixa orando por mim. Olhei meu relógio, e percebi que era bem cedo, em casa, e aquelas orações fervorosas estavam

sendo proferidas naquele exato momento. E soube, com inegável clareza, que elas estavam sendo respondidas imediatamente, pois uma sensação de amor e calidez dissolveu todas as emoções negativas de minha alma. Senti um poderoso e brilhante triângulo, ligando minha casa, os céus e eu.

Soube então, com um testemunho que se recebe apenas do Espírito que eu buscara, que fazia parte de uma obra que não era minha, mas de um sábio e amoroso Pai que enviou seu Filho para mostrar-me o caminho. "Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer." (João 15:5.)

A neve continua caindo e portas ainda se fecham; mas, semanalmente, recebo nova segurança por meio de cartas que afirmam: "Você está em nossas orações", pois sei que cada uma dessas orações sobe à Fonte de todo amor e se derrama, dia após dia, sobre cada servo de sua vinha. □



Arrastando meus pés gelados pela neve suja, eu fiquei imaginando onde estaria a prometida alegria da obra missionária. Então, um quadro de amor e conforto surgiu em minha mente.

R.T. BARRETT

Ilustração de Robert T. Barrett

S Betty Hale
e você sente-se solitário, porque a juventude SUD é minoria em sua escola, imagine como deve sentir-se Santosh Ramish, de 14 anos, de Hyderabad, Índia? Afinal de contas, ele é apenas um dentre um punhado de santos em um país cuja população é de 750 milhões de habitantes.

Quase uma dentre sete pessoas do mundo vive na Índia, o segundo país mais populoso depois da China. Oitenta e três por cento da população é hindu, 11 por cento é muçulmana, e os restantes 6 por cento são divididos entre cristãos, siques, budistas e jains, nessa ordem.

Será que Santosh sente-se solitário ou sofre discriminação?

De modo algum. "Aqui há liberdade de religião", afirma ele "embora meus colegas de escola zombem de mim por não beber café. É uma terra de muitos idiomas, culturas e tradições."

Isso,



UM EM 750 MILHÕES: UM JOVEM SUD NA ÍNDIA



Santosh, de 14 anos, sua irmã Sunitha de 16, e seu irmão Sanjay de 12, são os únicos jovens de seu ramo, mas dele participam ativamente. Quer seja proferindo um discurso, preparando o sacramento, ensinando na Primária, ou prestando testemunho, eles se acham dentre os membros mais confiáveis naquela área. Os estudos tomam a maior parte de seu tempo, mas sempre encontram algum tempo para servir.

provavelmente, resume o que é a terra natal de Santosh. A Índia abrange mais de 14 línguas nativas principais e mais de 1.000 dialetos. Ele fala duas das 14 línguas principais do país, e também, fluentemente, o inglês.

No que concerne à cultura, muitos jovens de todo o mundo achariam muito estranho o ambiente em que vive Santosh. Na Índia, os jovens não namoram. Os jovens se relacionam apenas com os outros do mesmo sexo. Nada se sabe sobre festas e bailes para jovens, e os maridos e esposas geralmente são escolhidos mediante acordo entre os pais.

Mas, e se você se apaixonar por alguém?

"Na Índia, você não pode abandonar os pais ou desobedecer-lhes", afirma Santosh. Mesmo após o casamento, um jovem casal costuma viver com os pais do noivo. Nos dias atuais, entretanto, cada vez um número maior de casais está procurando morar sozinho.

Existem algumas coisas que formam um laço comum entre Santosh e os jovens de todo o mundo. Uma delas é o evangelho. Ele o conheceu através de seu tio, Dr. Edwin Dharma Raju, que se filiou à Igreja em Samoa, quando para lá foi, comissionado pelo governo da Índia.

Quando o Dr. Raju voltou à Índia, ele desejava que sua família ouvisse a mensagem do evangelho, e escreveu à sede da Igreja, pedindo que enviassem missionários a ela. Mas, em vez disso, o Dr. Raju e sua esposa foram enviados numa missão de curto prazo para ensinar seus familiares.

Santosh tinha oito anos de idade, quando ele e diversos membros da família aceitaram o evangelho. A caixa de água no telhado de seu tio Henry foi lavada e pintada para servir de pia batismal. Os homens e meninos que participaram do batismo estavam vestidos com as tradicionais jaquetas e calças hindus brancas. As mulheres vestiam saris brancos, o vestido da mulher hindu, que consiste de um longo pedaço de pano que envolve o ombro e o restante do corpo. A família recém-batizada formaria o início do ramo de Hyderabad.

Santosh agora é mestre no Sacerdócio Aarônico desse ramo. Ele e seu irmão Sanjay, de 12, e a irmã Sunitha, de 16, são os únicos jovens dali, mas participam ativamente de tudo. Santosh vai à casa da missão todos os domingos, onde são realizadas as reuniões da igreja, com meia hora de antecedência, a fim de preparar o sacramento. Ele sempre está preparado para dar um discurso ou uma aula para qualquer grupo etário. Sunitha é a regente do ramo e cuida de uma das classes da Primária; Sanjay desempenha várias designações e geralmente é o primeiro a prestar testemunho nos domingos de jejum.

Santosh também está-se preparando para uma missão. "Tenho pensado muito a respeito de uma missão", afirma ele, "Eu costumava sonhar em ir para uma ilha bem remota ou um lugar onde pudesse converter e batizar a todos. Agora que a Igreja está chamando os jovens hindus para servirem em seu próprio país, eu gostaria de trabalhar aqui mesmo."

Seus sonhos também incluem um curso de medicina, que é extremamente difícil de obter em seu país. Dos 50.000 alunos que prestam



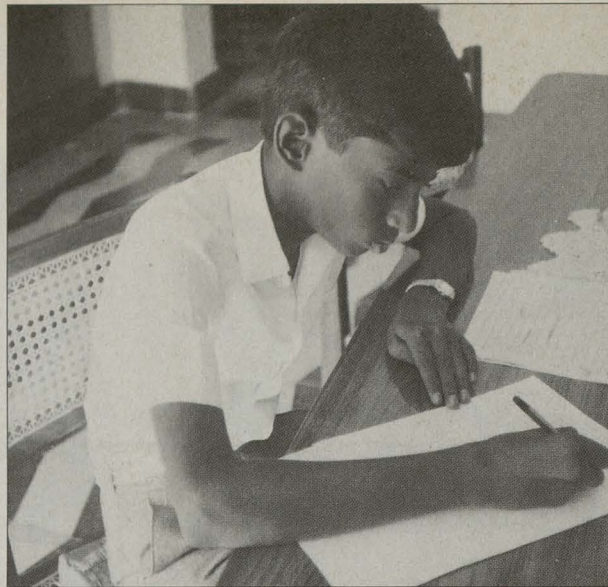
vestibular (exame de admissão ao curso superior) a cada ano, somente 2.000 são aceitos. Apenas os que têm as melhores notas conseguem ir para a universidade.

Santosh, como muitas crianças da Índia, freqüenta a escola desde os três anos de idade. Ele se formará aos dezessete. Enquanto isso, ele cumpre uma pesada carga horária.

Seu dia começa antes das 6 horas da manhã, quando sai apressadamente para ter uma aula de uma hora com um professor particular. Visto que a sua classe, em uma escola particular cristã contém de 40 a 70 alunos, é essencial a ele o período de tempo que passa com seu preceptor e mais quatro ou cinco alunos.

Então ele volta para casa, prepara-se para a escola, lê o jornal a fim de saber o que está acontecendo, e depois toma o ônibus de volta a escola. Lá chegando, assiste a oito aulas, entre elas matemática, física, biologia, e três idiomas diferentes.

Santosh está na 10ª classe, onde é essencial ser um dos melhores alunos.



Para tanto, ele teve até mesmo de renunciar a muitos dos esportes que tanto aprecia, como o críquete e o badminton. (Espécie de tênis jogado com peteca. N. do T.) Todo o mês, ele tem testes, e exames a cada três meses, para determinar a sua

posição na escola.

Após a aula, Santosh faz os deveres de casa e um pouco de leitura recreativa até a hora do jantar, às 20horas. Às 21horas ele se reúne com seu professor para outra hora e meia de aula.

Embora ele estude durante a maior parte do dia, ainda encontra tempo para a Igreja e o estudo das escrituras. "Tenho um forte testemunho", diz ele. "Agradeço ao Pai Celestial por possuí-lo. Eu sei que o Livro de Mórmon, a Bíblia Sagrada, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor são escrituras companheiras e a palavra de Deus."

Esse conhecimento, acompanhado do apoio da família, são suficientes para sustentá-lo nessa condição religiosa minoritária. "Espero que eu sempre tenha forças para resistir às tentações", afirma ele. "Amo esta Igreja e desejo jamais afastar-me dela." □





Era uma vez um homem da Palestina — um jovem forte, vibrante e inteligente, cujo destino era, desde o início de sua vida, morrer numa cruz romana, crucificado pelos pecados do mundo.

Nós o conhecemos como o Filho de Deus, o único ser perfeito que já viveu. Os milagres que ele realizou nos deixam abismados, bem como as verdades que saíram de seus lábios e o poder e sabedoria que ele manifestou na época de seu ministério.

Mas, que sabemos a respeito de seu tempo de maturidade? Era ele como os demais jovens judeus, sujeito

A
CRIANÇA,
O
RAPAZ,
O
HOMEM
QUE POUCOS CONHECERAM

Élder Bruce R. McConkie
(1915-1985)

do Quorum dos Doze

às dores e pesares e enfermidades e todas as doenças da carne?

Já se perguntou: Onde e sob que circunstâncias Jesus nasceu?

Que fez ele em sua infância, como menino judeu, e na adolescência?

Era ele como os demais jovens da Galiléia, Judéia e Peréia, ou viveu ele uma espécie de existência protegida e santificada?

Quem eram seus amigos e que espécie de associação tinham uns com os outros?

Posso falar uma porção de coisas a respeito de Jesus e sua vida que quase todos conhecem. São coisas que não se encontram nas escrituras, mas que podem ser deduzidas

de certas verdades nelas encontradas. Aplicando estes princípios às circunstâncias sociais e culturais da Palestina, podemos esboçar um quadro razoavelmente claro dos fatos envolvidos.

Antes de voltarmos a nossa atenção a como era o Senhor na mortalidade, observemos — bem mais cuidadosa e refletidamente — duas coisas escritas por Paulo: Jesus, disse ele, “aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”. (Filipenses 2:7-8.)

E ainda: “Nos dias de sua carne”, Jesus, “oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas... Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.” (Hebreus 5:7-8.)

Deixe agora sua mente voltar a Palestina, aos dias daquele horrível



Jesus nasceu da mesma forma que nós; cresceu como crescemos; aprendeu a engatinhar, andar, a ler e escrever, a trabalhar e a brincar como todos nós.

tirano, Herodes. Aconteceu então que César Augusto ordenou um recenseamento, a fim de regulamentar os impostos. Herodes, para honrar seus súditos judeus, permitiu que eles se reunissem na terra em que nasceram, para ali serem contados com os da sua tribo.

E assim, José e Maria, ambos da casa de Davi, viajaram 129 quilômetros de Nazaré à Belém, a cidade de Davi. Maria estava esperando um filho. A jornada que empreenderam, junto com seus amigos e familiares foi demorada. Eles provavelmente, usaram jumentos para levar seu alimento e agasalhos para dormir, e pernoitaram em acampamentos normais usados por viajantes daquela época.

Aqueles pousos eram acampamentos quadrados ou retangulares no qual havia um

pátio para a guarda de animais, e, numa área elevada acima e ao redor desse pátio, uma série de quartos com portas que se abriam para o centro. Cada um desses aposentos era chamado *katalyma* (uma palavra grega), e neles os cansados viajores arrumavam suas camas em tapetes ou suas roupas de cama no chão batido. Seus animais de carga eram deixados no pátio. Sempre havia por perto uma fonte que fornecia a água e, quando o acampamento estava situado perto de uma cidade ou vila, como no caso de Belém, algumas pessoas, em troca de algumas moedas, vendiam rações para os animais e algumas verduras para o consumo humano. As refeições eram preparadas em uma fogueira acesa ao relento, e um espírito de hospitalidade, préstimo e camaradagem sempre prevalecia entre os que à noite acampavam.

Nesta noite das noites, os galileus com quem José

e Maria viajaram, chegaram tarde. Todos os *katalymas* estavam lotados. Não conhecemos a tradução desta palavra. O abrigo mais próximo era uma hospedagem semelhante às encontradas em algumas cidades da Europa. O Novo Testamento nos diz que não havia lugar na estalagem, ou, como Joseph Smith explicou, nas *estalagens*. Os *katalymas* estavam lotados, por isto José e Maria arrumaram suas roupas de cama, entre os animais no pátio — no estábulo, por assim dizer. Ali, entre os cães que ganiam e gado que mugia, entre os asnos que zurravam e ovelhas que baliavam, o Filho de Deus nasceu. As amigas e parentes de Maria serviram de parteiras, quando o Filho do Altíssimo respirou seu primeiro alento e iniciou a sua vida mortal.

Quando Jesus tinha oito dias de idade, numa casa em Belém ou no Templo de Jerusalém, ele foi circuncidado e recebeu um nome. Mais ou menos aos 41 dias, ele foi apresentado no templo, e Maria ofereceu um sacrifício. Porque ela e José eram pobres demais para oferecer um cordeiro, foi-lhes permitido que oferecessem duas rolas ou pombos.

Mais tarde, quando a criança estava com dois anos de idade, vieram os sábios do oriente trazendo presentes; então houve a viagem ao Egito e o retorno a Belém e Nazaré.

Não conhecemos tudo o que Jesus fez ou disse quando cresceu, mas sabemos como era a vida nos lares judeus de Belém e Nazaré. Ele viveu, como muitos ainda hoje fazem, em circunstâncias humildes. Seu lar, provavelmente, era de chão batido. Ele tinha irmãos e irmãs. Todos comiam na mesma mesa, dormiam no mesmo aposento em colchões rudes, talvez diversos deles no mesmo quarto. O alimento que ingeriam era a ração comum dos pobres, e seus vestuários feitos de lã fiada, em casa, semelhantes aos dos outros jovens judeus da região.

Jesus aprendeu a engatinhar, caminhar e correr. Aprendeu a falar, trepar em árvores e a brincar. Cavalgou jumentos e camelos, ordenhou cabras e vacas, arou campos, plantou sementes, arrancou ervas daninhas, e juntou

colheitas. Ele aprendeu a ler e escrever; freqüentou a escola na sinagoga, memorizou o Shemá, (Shemá: corresponde a Deuterônimo 6:4. N. do T.) e foi ensinado a orar e guardar o Sábado. Ele percorreu as colinas da Galiléia, ouviu os pombos arrulhantes, viu as tocas das raposas, observou os pássaros do ar, vislumbrou os lírios do campo, e conduziu ovelhas por águas tranqüilas. José ensinou-lhe a serrar tábuas, fincar pregos, carregar madeira e construir casas.

Aos doze anos de idade, ele foi com sua família assistir à Festa da Páscoa em Jerusalém, onde confundiu os sacerdotes e rabis no templo. Nessa época, ele sabia que Deus era seu Pai e que a sua vida seria diferente da de qualquer outra pessoa da terra.

No tocante a seus anos de crescimento, principalmente no que concerne ao aprendizado da verdade divina, as escrituras nos dizem:

“E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.” (Lucas 2:52.)

Mesmo durante os dias de seu ministério, seus irmãos e irmãs ainda o consideravam como aos outros homens. Em muitas ocasiões, ele sofreu fome, sede e cansaço. Comia figos, peixes e pães de cevada. Jesus participou de banquetes, dormiu na casa dos amigos e sob a luz das amigáveis estrelas dos céus. Ele sentia frio durante as nevascas e tempestades de inverno, e calor quando o verão crestava a grama dos campos.

Cambaleou e sofreu de dor, quando os afiados pedaços de ossos e pontas de metal do açoite romano cortaram-lhe a carne. A coroa de espinhos fez com que gotas de sangue banhassem sua face, e a mesma agonia da dor penetrou-lhe nas mãos e pés, quando os cravos dos que o crucificaram dilaceraram-lhe a carne, como aconteceria a qualquer outro ser mortal.

Ele é o nosso modelo e nosso amigo, nosso companheiro na dor e no trabalho. Nasceu da mesma forma que nós; cresceu como crescemos; foi sujeito às mesmas dores e enfermidades que nos afligem. Passou



cansaço, fome e sede como nós. Jesus tinha de vencer o mundo e obrar a sua própria salvação, como nós. Ele foi chamado a trabalhar como missionário, assim como nós. A causa da verdade e da justiça tinha papel preponderante em sua mente, como deve ter na nossa.

Somos chamados a segui-lo, "Porque naquilo que ele mesmo, sendo

O Salvador é o nosso modelo e nosso amigo. Se aprendermos dele e vivermos como ele viveu, teremos o privilégio de ir onde ele está e viver em sua morada para todo o sempre.

tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados". (Hebreus 2:18.)

Jesus disse: "Vinde a mim... e aprendei de mim" (Mateus 11:28-29). Se aprendermos dele e vivermos como ele viveu, teremos o privilégio de ir onde ele está e viver em sua morada para todo o sempre. Que maior recompensa poderíamos receber?

Seção Infantil



ESTÊVÃO, O MÁRTIR

Após a ressurreição de Jesus, seus apóstolos continuaram a pregar o evangelho, e muitas pessoas creram e foram batizadas. Até mesmo alguns líderes judeus que não acreditaram em Jesus enquanto ele vivia, se filiaram à sua Igreja e passaram a ser conhecidos como cristãos.

Esta obra missionária manteve os apóstolos tão ocupados, que eles não podiam fazer tudo o que era necessário para dirigir a Igreja; assim, escolheram e ordenaram sete homens dignos para tomarem conta dos pobres e das viúvas. Um dos sete homens escolhidos foi Estêvão. Seu chamado era muito especial para ele. Seus deveres eram semelhantes aos dos portadores do Sacerdócio Aarônico. Estêvão também pregou o evangelho, operou milagres, e realizou outras coisas maravilhosas pelo poder do sacerdócio.

Infelizmente, muitas pessoas ficaram zangadas com a pregação feita por Estêvão, pois não

acreditavam que Jesus era o Salvador, e o acusaram de blasfemo. Alguns desses incrédulos levaram Estêvão perante o sinédrio, um tribunal de líderes judaicos. Foi feito um julgamento injusto e ilegal, onde algumas pessoas contaram coisas mentirosas a respeito de Estêvão, buscando com isto prejudicá-lo. Mas, embora falsamente acusado, Estêvão permaneceu firme, fiel e misericordioso. Ele sabia que Deus estava com ele.

Durante o julgamento, o semblante de Estêvão começou a resplender. Seu rosto era como a face de um anjo, pois o poder de Deus descera sobre ele. Ao responder às acusações do conselho, Estêvão não procurou defender-se, e em vez disso, acusou o povo de não obedecer aos mandamentos de Deus.

O povo ficou furioso. Eles odiavam Estêvão por dizer-lhes a verdade. Agindo como animais selvagens, queriam atacá-lo. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, olhou para os céus e

jubilosamente exclamou: "Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé, à mão direita de Deus." (Atos 7:56.)

É óbvio que o povo iníquo não podia ver esta gloriosa visão, por isso não acreditou em Estêvão. Tomados de terrível ira, expulsaram-no para fora das muralhas da cidade; deixando seus vestidos aos pés de um jovem líder judeu chamado Saulo, juntaram pedras e apedrejaram Estêvão.

As pedras cortaram e feriram dolorosamente o corpo de Estêvão, e ele sabia que ia morrer. Mas não sentia medo, pois tinha a certeza de que estaria de



novo com Jesus. Estêvão corajosamente orou:
"Senhor Jesus, recebe o meu espírito." (Atos 7:59.)

Não sentindo o menor rancor por seus assassinos, ele humildemente clamou:
"Senhor, perdoa estas pessoas." Então morreu.
(Esta história se encontra em Atos 6; 7:51-60; 8:1-2.) □



© SARAPE

Greg Larson

E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais (Malaquias 4:6).

Papai!

A pequena voz trêmula, quebrando a tranqüilidade da noite, foi seguida por soluços abafados.

— Paizinho!

Desta vez o apelo foi mais alto e atemorizado.

Sons de passos ecoaram apressados pelo corredor rumo àquela voz.

Logo após, ouviu-se um clique, e o quarto se encheu de luz. O pai de Stevie estava à porta.

— Stevie, que houve? Teve um pesadelo?

Ele fez que "sim" com a cabeça.

O pai sentou-se na cama e afagou os cabelos do menino, depois enxugou-lhe as lágrimas, gentilmente.

— Já está bem agora, filho.

— Eu sonhei — disse Stevie, tentando parar de soluçar e recuperar o fôlego — que você e mamãe — ele fungou — haviam partido e que ...eu



nunca mais veria vocês!

Stevie olhou bem dentro dos olhos castanhos do pai.

— Eu fiquei sozinho.

O pai envolveu-o em seus braços fortes e abraçou Stevie com ternura.

— Sabe, Stevie, uma vez existiu um outro menino bem parecido com você. Um dia ele também teve medo de ficar só, sem ninguém. Quer ouvir a história dele?

Stevie disse que sim.

* * *

Carlos tinha mais ou menos o seu tamanho, quando seus pais o enviaram ao México para ficar com sua avó. A família dele estava-se mudando para um outro lugar do Colorado, e o pai de Carlos lhe disse que tão logo encontrassem uma nova casa e fossem nela morar, mandariam buscá-lo.

Pablo, tio de Carlos, levou-o para o México. Eles viajaram por estradas quentes e poeirentas, e através de desertos e montanhas. Finalmente, ao entrarem em um vilarejo perto das montanhas, o tio de Carlos sorriu para ele e disse:

— Chegamos.

Quando eles dirigiram o carro para a frente de uma pequena casa branca de adobe, as galinhas se espalharam por todas as direções, batendo as asas e gritando, fugindo do carro e dos passageiros.

Uma senhora saiu para fora. Tinha a pele amorenada e cabelos brancos. O tio de Carlos abraçou a idosa senhora e beijou-lhe a face.

— Carlos — disse-

-lhe o tio — você se lembra de sua avó?

— Bienvenido, Carlos — disse a mulher, sorrindo.

Carlos não conseguiu se mover. Ele não estivera com sua avó desde que era um bebezinho, e não se lembrava nem um pouco dela.

Finalmente, olhou para seu tio. — Tio Pablo, eu não quero ficar aqui! —

murmurou ele, mesmo sabendo que sua avó não entendia inglês.

— Ora, Carlos, lembre-se de que você concordou em tentar ficar aqui. E só por pouco tempo — disse o tio Pablo.

— Pegue isto, vamos ver se é forte o suficiente para levar para dentro da casa — Pablo retirou do carro a velha mala surrada e entregou-a a Carlos.

O menino deixou a bagagem logo depois da porta. Ele examinou os dois aposentos da casa. A mobília de madeira lhe pareceu estranha, bem como os retratos pendurados na parede. Bem no centro do quarto maior, havia uma grande máquina de madeira, com fios que subiam e desciam, e ao lado dela, no chão, diversos rolos de



lã colorida.

Carlos saiu pela porta dos fundos, e entrou na precária cozinha, onde havia panelas e potes pretos pendurados na parede e, num canto, uma pilha de lenha. Ele observou que seu tio e a avó continuavam conversando, e decidiu que encontraria alguma forma de fazer com que seu tio o levasse de volta ao Colorado.

Carlos atravessou o quintal até o outro lado da casa. Ele viu alguns meninos brincando na rua e chegou mais perto para observá-los. De repente, veio um cachorro e começou a latir para ele. Os meninos pararam de brincar e chamaram o cachorro. Todos eles

gritaram, cumprimentando Carlos, mas ele não pôde entendê-los. Eles o chamaram de novo, e vendo que ainda não respondia, começaram a rir.

Carlos virou-se e correu para longe deles. *Nada posso fazer se não entendo espanhol!* pensou ele.

Carlos correu pela aldeia e só parou quando subiu numa pequena colina. Lá do alto, ele podia ver a casa de sua avó — Oh, não! — disse ele aflito. — O carro de Tio Pablo se foi!

O sol do crepúsculo já havia pintado as distantes nuvens de vermelho, laranja e cor-de-rosa, quando Carlos retornou à casa da avó. Ela estava

atarefada, preparando o jantar na cozinha. Quando ela olhou e viu Carlos, pôs sobre a mesa a tijela que tinha nas mãos e segurou seus ombros. — Carlos — exclamou ela, e em seguida falou nervosamente em espanhol. Carlos não entendeu uma só palavra, mas pôde notar que estivera preocupada com ele e lhe dizia que não devia sair por ali de novo sem avisá-la. *Os adultos são iguais em todos os idiomas,* ponderou Carlos.

Durante o jantar, a avó tentou ensinar-lhe os nomes das coisas, apontando para elas: *mesa* (mesa), *plato* (prato), *tenedor* (garfo), *pan* (pão), *frijoles* (feijão).

Carlos comeu apenas um pouquinho de comida. Quando sua mãe fazia comida mexicana, sempre era um petisco, mas agora tudo o que ele queria era um bom hambúrguer com catchup, mostarda e picles.

Depois do jantar, a avó foi trabalhar em seu tear, à fraca luz de um lampião de querosene, fabricando um tecido com as lãs coloridas. Enquanto

trabalhava, cantava baixinho e a cada momento levantava o olhar, e sorria para Carlos. Carlos ficava admirando seu trabalho, sentado no chão, desejando que ela tivesse um televisor.

A vovó colocou Carlos para dormir na única cama da casa. Ela o cobriu com um lençol, baixou o mosquito e prendeu-lhe as pontas sob o colchão.

— Buenas noches, Carlos.

Assim dizendo, foi para o outro quarto e apagou o lampião.

A escuridão envolveu Carlos. Perto, os grilos trilavam. Ele se virou, e olhando pela janela a brilhante estrela que luzia no céu, imaginou se ela estaria iluminando também seus pais. Durante todo o dia, ele havia procurado conter as lágrimas, mas agora era impossível detê-las, e logo estava soluçando descontroladamente.

Vovó acendeu de novo a lâmpada de querosene e entrou no quarto. Levantando o mosquito e sentando-se na cama perto de Carlos, ela o apertou em seus braços.

— Carlos, Carlos.

Ela encostou sua face macia na testa do menino e embalou-o, gentilmente, cantando baixinho.

— Quero o meu pai... quero minha mãe — soluçou Carlos.

Vovó levantou-se, e

tomando-o pela mão, levou-o até perto de um baú de madeira que havia do outro lado do quarto. De dentro dele, ela retirou um pedaço de tecido colorido e roupas de tonalidade clara e as pôs de lado. Depois, retirou o que parecia um pequeno cobertor rústico, com grandes listras verdes, vermelhas, brancas e alaranjadas. Um dos cantos estava levemente chamuscado. Ela o entregou a Carlos para que segurasse. — Sarape — disse ela.

Então a idosa mulher retirou algo envolto em uma renda branca. Era um livro. Sorrindo para Carlos, ela abriu o volume, para que ele pudesse vê-lo. Cada página estava cheia de

fotografias em preto e branco. Ela foi virando as páginas lentamente, sorrindo para os retratos de uma noiva, um noivo e algumas crianças. Apontando para um menino, ela disse: — *Tu papi*.

Carlos olhou atentamente para o retrato. Era como se estivesse vendo a si próprio. Era seu pai, que usava aquele mesmo *sarape* sobre os ombros. No retrato, havia uma bonita jovem com o braço ao redor dele.

Carlos correu os dedos sobre o rústico tecido do *sarape*. Os dedos de seu pai provavelmente sentiram aquele tecido de igual maneira, quando era do mesmo tamanho que Carlos.

O olhar de Carlos se

voltou do retrato para o semblante da avó.

Ela usava os cabelos brancos penteados para trás — bem como estava no retrato — só que outrora eles eram pretos. *Ela ainda é bonita*, decidiu ele.

Quando ele olhou para a avó, ela sorriu, mas uma lágrima lhe escorreu pela face. De súbito, Carlos compreendeu que ela amava seu pai tanto como ele, e que sentia-se sozinha sem ele, como Carlos.

— Vovó — disse Carlos ternamente, abraçando-a.

Os olhos dos dois se encheram de lágrimas, mas desta vez eram lágrimas de alegria.

Quando Vovó levou Carlos de novo para dormir, estendeu o *sarape* aos pés da cama.

— Obrigado, vovó — disse Carlos, sorrindo para ela. — Agora tudo irá bem. Prometo.

Vovó sorriu para Carlos e depois, ajoelhando-se, deu-lhe um beijo de boa-noite.

— *Te quiero mucho* (te amo demais), Carlos.

Stevie encolheu-se sob as cobertas.

O pai ajeitou o cabelo do menino para o lado da cabeça, e saiu do quarto. Logo ele voltava com um sarape de cores vistosas que estava meio chamuscado na ponta. Ele cobriu Stevie com o sarape.

— *Te quiero mucho, Stevie.* □



ENCONTRE OS LIVROS

JennaVee Allgrunn

VELHO TESTAMENTO

Provérbios	Gênesis	Isaías
João	Malaquias	1 Néfi
Esdras	Judas	Rute
II Samuel	Jacó	Ezequiel
Tiago	Daniel	Habacuque

NOVO TESTAMENTO

Tito	Amós	III João
Mateus	Apocalipse	Mosiah
Êxodo	Jonas	Helamã
Marcos	I Timóteo	Gálatas
Lucas	Hebreus	Alma

O LIVRO DE MÓRMON

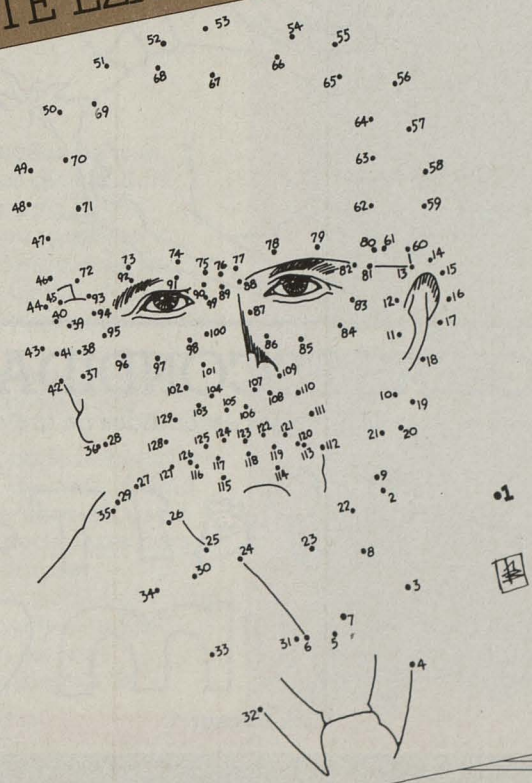
Helamã	Mateus	Tiago
Marcos	Ômni	Mórmon
Jacó	Romanos	3 Néfi
Êter	Amós	Mosiah

Trace um círculo ao redor dos livros que se acham no Livro de Mórmon, no Novo Testamento e no Velho Testamento.

Respostas
 Livro de Mórmon: Helamã, Ômni, Mórmon, Jacó, 3 Néfi, Êter, Mosiah.
 Novo Testamento: Tito, III João, Mateus, Apocalipse, Marcos, I Timóteo, Gálatas, Lucas, Hebreus.
 Velho Testamento: Provérbios, Gênesis, Isaías, Malaquias, Esdras, Rute, II Samuel, Ezequiel, Daniel, Habacuque.

Ilustrado por Sherilyn Hicks

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

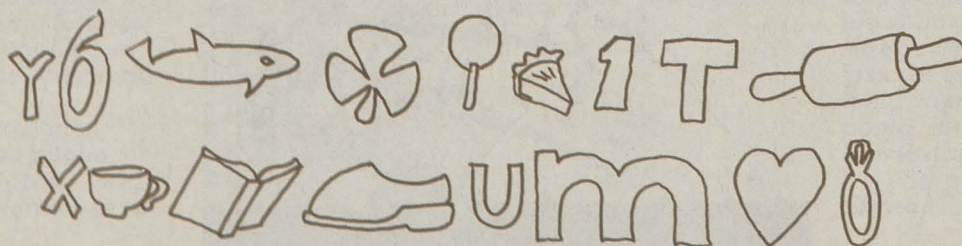


SÓ PARA DIVERTIR



COISAS ESCONDIDAS

Podem encontrar estas coisas escondidas na gravura?



Mick Reazor

A CRIATIVIDADE E O SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS

Uma das maiores bênçãos de que os santos dos últimos dias podem desfrutar é a do Espírito Santo. Joseph Smith afirmou que este dom é uma das características singulares do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Mas, o que essa dádiva faz por nós? Em que sentido nos torna diferentes?

Gostaria de sugerir que uma das maneiras pela qual o Espírito Santo nos ajuda é nos tornando mais criativos.

Que é a criatividade? Como pode beneficiar-nos? No que concerne à dona-de-casa: Como pode fazer com que me torne melhor esposa e mãe? Quanto ao irmão: Como pode fazer com que me torne um melhor portador do sacerdócio? Para o aluno: Como pode fazer com que eu seja mais bem sucedido nos estudos? Para o que está construindo um lar, ou cultivando uma horta, ou participando de





qualquer uma dentre as milhares de outras atividades: de que forma a criatividade aperfeiçoa estes afazeres e os torna mais significativos e atraentes?

Quero relatar diversas experiências que me ajudaram a entender e usar a criatividade, enriquecendo assim a minha vida. Só peço que examine sua própria existência e descubra como pode viver mais plena e criativamente.

O Precioso Dom do Espírito

O primeiro relato é extraído da história da Igreja. Você

Parece difícil ser verdadeiramente original. Um compositor, por exemplo, tem apenas um limitado número de notas para trabalhar, e se examinarmos toda a música que foi escrita nos últimos séculos, veremos que foram usadas quase todas as combinações possíveis com essas poucas notas. É o toque pessoal que acrescenta a originalidade às nossas criações.

devem estar lembrados que, durante a época da tradução do Livro de Mórmon, Oliver Cowdery quis traduzir. O Profeta Joseph perguntou ao Senhor se seria permitido, e ele aconselhou-o em contrário. Porém, Oliver insistiu, e o Senhor finalmente permitiu que traduzisse.

Não sabemos exatamente como ele fez essa tentativa, mas conhecemos o resultado de seu esforço, conforme se acha registrado na seção 9 de Doutrina e Convênios. Por meio do Profeta Joseph, o Senhor definiu por que Oliver não havia conseguido traduzir:

"Tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir. (E o Senhor indicou que esse procedimento não era correto.)

Mas... debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo.

Mas, se não for correto, não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento..." (D&C 9:7-9.)

Esta mensagem sugere um meio pelo qual podemos aumentar nossa criatividade: empenhando os nossos melhores esforços, depois fazendo com que nosso empenho seja confirmado pela inspiração. A inspiração

complementa nossos esforços criativos. Ela chega a cada um de nós por meio do dom do Espírito Santo — não somente aos profetas, mas a cada santo dos últimos dias que possui esta dádiva preciosa.

Tornar-se um Compositor "Famoso"

A segunda história é uma experiência pessoal. Logo depois que fui batizado aos oito anos de idade, comecei a tomar aulas de piano. Eu tinha completado meu primeiro ano de lições, quando a Depressão atingiu a nossa família com todo o seu peso, e não mais pudemos pagá-las. Mas continuei a estudar piano.

Eu não somente treinava as peças de meu livro, mas também comecei a compor minhas próprias canções. Levei um ou dois meses para improvisar minha primeira peça musical. Fiquei orgulhoso dela; de fato, me dei ao trabalho de escrevê-la numa partitura. Chamei a minha criação de "Opus 1, N.º 1".

Minha mãe considerou-a bonitinha, e disse: "Por que não toca para sua professora na escola?" Bem, minha professora da escola não entendia muito de música, por isso me disse: "Por que não a toca para a classe?" De repente, tornei-me famoso no terceiro ano escolar, como compositor de uma peça para piano.

Diante de tal reconhecimento, decidi compor outra canção. E assim, tentei por mais alguns dias e compus minha segunda obra. Passados quatro anos, eu havia criado cerca de dez canções, todas para piano.

Uma Assombrosa Descoberta

Um dia, aos doze anos de idade, fiz uma surpreendente descoberta. Examinando um de meus velhos livros de lições de piano, descobri que meu "Opus 1, n.º 1" não tinha sido realmente criação minha. A canção se achava na página 25 do livro. Eu, inconscientemente, absorvera aquela peça e julgara que fosse de minha autoria.

Fiquei desolado. Vi, então, que minha carreira de compositor ia terminar sendo uma fraude. Havia apenas uma coisa singular em

minha versão — eu a havia mudado para um tom diferente. Mas até mesmo isso não é muito difícil de fazer. Comecei a imaginar de onde eu tirara as outras nove canções.

Por uma hora ou mais, examinei ansioso todos os meus livros de música. Descobri que meu "N.º 2" continha um pequeno trecho de "Brilhando, Brilhando" (*Cante Comigo*, B-67, N.do T.) e a "N.º 3" um trechinho de outra obra musical. Todavia, nenhuma das últimas nove haviam sido totalmente extraídas de outra fonte qualquer, como aconteceu à "N.º 1". À medida que colocara em prática a minha habilidade, havia-me tornado mais original, mais criativo.

O Gênio da Criação

A originalidade de expressão faz parte da criatividade. Ela faz parte do gênio da Criação, que torna cada um de nós diferente de qualquer outra pessoa — pois o Senhor não criou duas folhas exatamente iguais, nem duplicou qualquer coisa. Até mesmo os gêmeos idênticos têm algumas diferenças fundamentais entre si. Cada um de nós é um pequeno universo particular; somos únicos. Um dos maiores desafios desta vida é encontrar essa singularidade dentro de nós e expressá-la — criativamente. Se assim fizermos, então de alguma forma a contribuição que faremos ao mundo, à Igreja, à comunidade, à nossa família e a todos os nossos semelhantes, será singular e original.

"Não Seja Inferior"

Mas eis a terceira história, e para isso tenho que ir adiante quatro ou cinco anos. Aos dezesseis anos, comecei tentar decidir que espécie de carreira seguiria. Dois de meus amigos tinham pais que eram professores universitários — um deles de Física. Na época, considerei que seria bom ser um físico ou bacteriologista.

Eu era um músico bem ativo, mas não queria seguir essa profissão, porque, pelo que pude notar, poucos músicos haviam adquirido boa estabilidade financeira. Entretanto, após haver



avaliado sinceramente um bom número de profissões, tive a convicção — um ardor dentro do peito — de que, afinal de contas, eu devia fazer a minha contribuição ao mundo como músico.

Ao tomar essa determinação, informei papai e mamãe. Meu pai era um homem de negócios, e simpatizava muito pouco com a música como carreira. Mas, quando lhe disse que desejava abraçar o ramo musical, ele respondeu: "Está bem, filho, mas não seja um músico de segunda classe."

Essas palavras têm estado em meus ouvidos muitas vezes desde aí, e têm-me estimulado a subir cada vez um degrau mais elevado em meus empenhos criativos.

Chega o momento em que estamos satisfeitos com nosso trabalho e pensamos que esta é a alegria que o Senhor sentiu quando viu o que havia criado quando disse: "e viu que era bom."

Muitos anos depois, matriculei-me em uma faculdade perto de casa, que dispunha de um bom curso de música. No primeiro ano de estudo, participei de um concurso musical e ganhei o primeiro prêmio. Parte desse prêmio seria ter a minha composição tocada pela Orquestra Sinfônica de Stockton,

Califórnia. Infelizmente, entretanto, a minha composição havia sido escrita para uma orquestra maior que aquela.

Queria tanto que minha peça fosse executada que me transferi para uma universidade que tinha uma orquestra sinfônica maior, com mais de 100 músicos. No primeiro dia depois que lá cheguei, dirigi-me ao escritório do diretor da orquestra sinfônica e perguntei-lhe se a orquestra sinfônica da universidade tocaria a minha peça. Ele respondeu: "Deixe-a comigo; agora estou muito ocupado, e volte na próxima semana."

Quando retornei na semana seguinte, ele me disse: "Bem, ela não é nada má. Ensaiamos nas noites de segunda-feira. Na próxima segunda-feira, deixarei que a orquestra a toque."

Então ele me fez uma pergunta inesperada: "Gostaria de regê-la?" Agora, se ele dissesse: "Você *pode* regê-la?" eu teria que responder de modo diferente; mas ele perguntara: "Gostaria de regê-la?" Ora, quem não gostaria de reger uma orquestra de 100 músicos, tocando sua própria composição?

Voltei para casa e, por toda aquela semana, verifiquei as partes orquestrais, para certificar-me de que realmente soariam bem. Eu havia imaginado a minha peça, mas nunca a ouvira ser tocada.

Durante toda a segunda-feira, mal pude esperar, o término das aulas. Nem consegui almoçar. Naquela noite, sentei-me na fila da frente do auditório e esperei, enquanto a orquestra sinfônica ensaiava.

Finalmente, o regente voltou-se e disse: "Tem a sua música consigo? Pois bem, distribua-a." Ele apresentou-me para a orquestra e disse: "Vou deixá-lo reger."

Brandi a batuta timidamente, e a música começou a soar. Os músicos não gostam de tocar partitura com música manuscrita, e o meu manuscrito era horrível. A orquestra gemeu e rangeu. Foi uma experiência apavorante.

Então algo aconteceu. De repente, tudo pareceu ir bem durante os últimos minutos da peça. Em vez de dizer ou olhar como se afirmassem: "Como podemos suportar esta droga?", os músicos da orquestra pareciam afirmar "Nada mau! Nada mau!"

Nos últimos momentos, senti como se me

elevasse um ou dois metros acima do podium — eu regia instintivamente, sentindo que "Esta é a minha razão de viver! Esta é a minha contribuição ao mundo!" Senti que a expressão "o homem existe para que tenha alegria" não era apenas uma declaração do Livro de Mórmon (2 Néfi 2:25), mas uma realidade para mim naquele exato momento.

No final, eles começaram a aplaudir, e o maestro veio correndo pelo corredor, dizendo: "Bem, a primeira parte foi terrível, mas a última não estava tão má!"

Uma Razão Por que Deus Existe

Ao voltar para casa naquela noite, em meus ouvidos ainda ressoavam os vibrantes acordes finais, e esqueci o terror em que vivera na primeira parte. Pensei comigo mesmo: por certo é isto o que o Senhor sentiu, quando disse: "e viu que era bom." (Ver Gênesis 1:4.) Que reconhecimento brando o Senhor fez de sua própria obra! Uma das razões por que Deus existe é para ter alegria, e com que ele se alegra? Com o ato da criação — com o ato de criar uma galáxia ou com o de organizar uma alma humana.

Irmãos e irmãs, traduzam esta história em sua própria vida. A criatividade se origina de nosso próprio íntimo — daquela parte de nós que nos torna diferentes. Quando nos tornamos mais criativos em nossas famílias, na escola, no trabalho, ou ao brincar, nossa vida se torna mais cheia de alegria.

O Espírito Santo pode ajudar-nos a encontrar aquilo que é realmente singular dentro de nós, e pode ajudar-nos a usar essa singularidade criativamente, servindo aqueles ao redor de nós. Que possamos usar nossas dádivas singulares para fazer deste mundo um lugar melhor. Então, conheceremos, em parte, a alegria que sente o Pai Celestial. □

Adaptado de um discurso proferido na Semana da Educação da Universidade Brigham Young.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY

JUN 15 1987

